

OS QUATRO PRIMEIROS ANOS

LAURA INGALS WILDER

A CASA NA PRADARIA - 9

Laura e Manly iniciaram com grandes esperanças a vida de casados na sua pequena reserva na pradaria. O belo mundo da pradaria parece um paraíso: há flores silvestres na Primavera, gansos selvagens no Outono, corridas de póneis e momentos agradáveis passados juntos. Mas cada ano traz também consigo desastres imprevistos: tempestades destroem as searas, há doença, fogo e sempre dívidas por pagar. Os primeiros quatro anos são muitas vezes dolorosos para os Wilders. Mas eles têm-se um ao outro e a sua filhinha Rosa, além da firme determinação de vencer.

ÍNDICE

Introdução 7
Prólogo 11
Capítulo I - O primeiro ano 15
Capítulo II - O segundo ano 64
Capítulo III - O terceiro ano 83
Capítulo IV - Um ano de graça 95

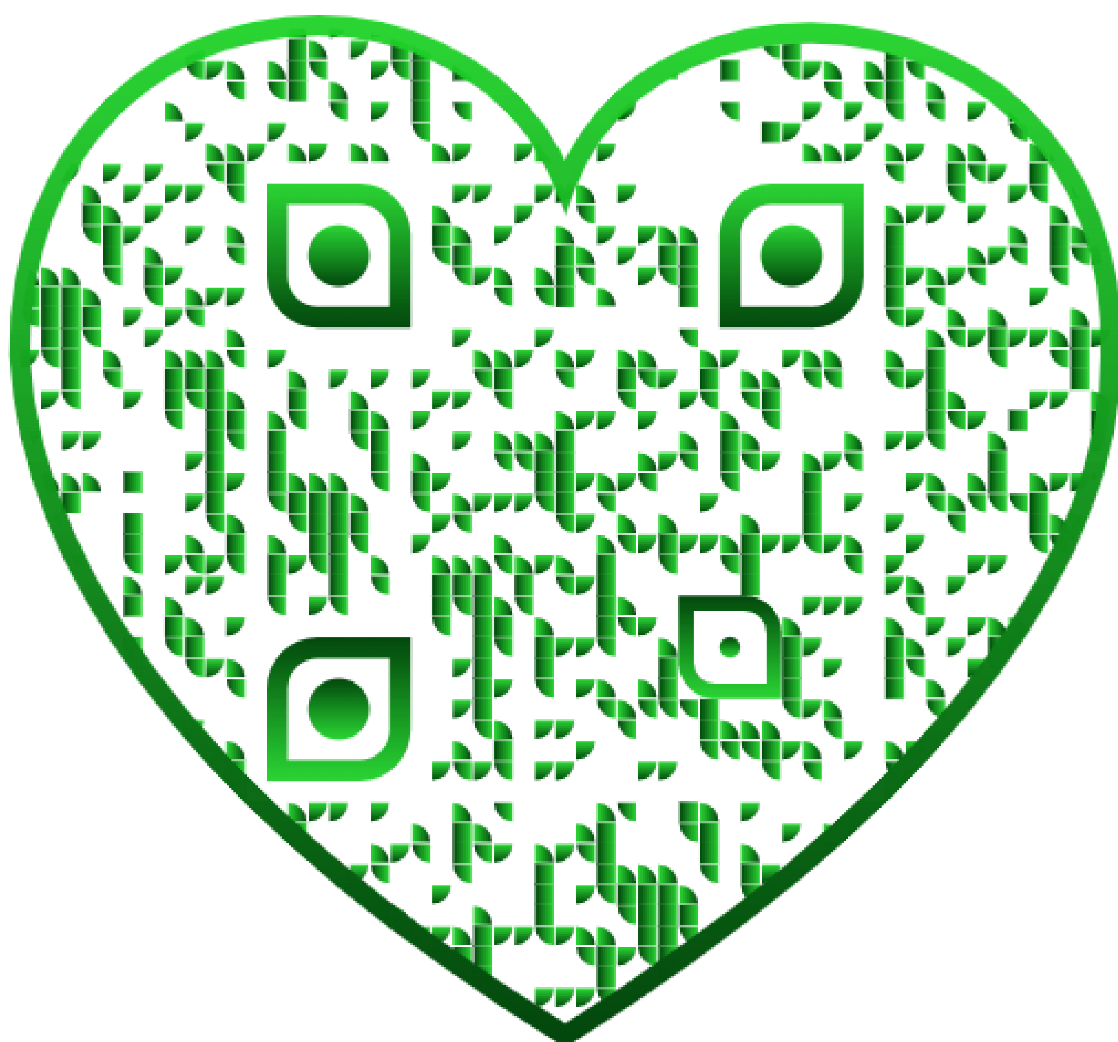
INTRODUÇÃO

Esta história começa onde Esses Anos Felizes acabam. Conta a luta de Laura e Almanzo Wilder durante os seus primeiros anos de casados e é o capítulo seguinte da história iniciada na infância de Laura, oito livros atrás. Os seus acontecimentos ocorrem antes dos descritos em A Caminho de Casa, relato do diário de Laura das aventuras da pequena família, quando se mudaram, de carroção, do território do Dakota para o Missouri, em 1894.

O manuscrito de Os Primeiros Quatro Anos foi descoberto entre os papéis de Laura. Ela escrevera-o a lápis em três cadernos escolares de capa cor de laranja, comprados havia muito tempo na Springfield Grocer Company, por um níquel cada. Laura escreveu os primeiros rascunhos dos seus livros anteriores do mesmo modo. Calculo que escreveu este em fins da década de 1940 e que, depois da morte de Almanzo, perdeu o interesse em revê-lo e completá-lo para publicação. Em virtude de ela não ter feito isso, há uma diferença na maneira como a história é contada, entre este livro e os anteriores.

Uma parte importante fala do nascimento e da infância de Rosa, filha de Laura e Almanzo. Rosa foi a minha mais querida amiga e mentora. Conheci-a quando era novo e mais tarde tornei-me seu advogado. A minha mulher e eu fomos seus íntimos durante muitos anos. Ela deu-me o manuscrito deste livro para o guardar e depois da sua morte, em 1968, levei-o aos editores Harper & Row. Depois de muito pensar nas incontáveis crianças e adultos que leram os livros desta série, e de ter em conta o que Rosa e Laura poderiam ter desejado, os editores e eu concordámos que o rascunho original de Laura fosse publicado como ela o escrevera nos seus cadernos de capa cor de laranja.

Rosa cresceu e tornou-se uma autora famosa, que continuou o espírito de pioneirismo de Laura vivendo muitas aventuras na América e no estrangeiro. Escreveu diversos livros fascinantes acerca do seu país e de terras distantes, como a Albânia, e tornou-se muito conhecida em todo o mundo. Mas Rosa cresceu



numa época em que as senhoras não procuravam conscientemente a fama. Optou por derramar luz sobre a vida de outras pessoas em vez de sobre a sua e, por isso, este livro acerca da sua mãe, do seu pai e dela própria teve de esperar para depois da sua morte para ser publicado.
Rosa (que se tornou Sr.a Rose Wilder Lane) levou uma vida cheia e atarefada. Depois de a mãe morrer, escreveu o fundo para A Caminho de Casa. Escreveu também muitos artigos para

revistas, alguns dos quais foram publicados como «Diário feminino dos bordados americanos». Trabalhou demoradamente num livro importante, ainda por publicar, e foi enviada para o Vietname, como correspondente de guerra, em 1965, quando tinha setenta e oito anos! Rosa lia constantemente e estava melhor informada acerca de qualquer assunto de que me lembre do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido. Uma semana antes de iniciar uma viagem pelo mundo, com oitenta e um anos, o seu coração parou bruscamente na casa onde vivia havia trinta anos, em Danbury, Connecticut. Na noite anterior, seroara em jovial e viva conversa com amigos, depois de lhes fazer uma fornada do seu famoso pão.
Mas que aconteceu após os acontecimentos descritos tanto em Os Primeiros Quatro Anos como em A Caminho de Casa, depois de Laura, Almanzo e Rosa chegarem à « Terra da Grande Maçã Vermelha»?
Aí, nos Ozarks, Almanzo construiu à mão, com cuidado e precisão, uma encantadora casa de campo, em terra a que Laura chamou, mais tarde, Quinta do Cume Rochoso. Aí viveram e lavraram durante vidas longas e felizes, tendo a de Almanzo terminado em 1949, com noventa e dois anos, e a de Laura em 1957, com noventa anos. A sua casa foi construída com robustez, para durar sempre, e as pessoas afortunadas que vão a Mansfield, Missuri, podem ver esse lar feliz, com os seus fósseis na pedra da chaminé,

muito mobiliário feito à mão por Almanzo e muitos outros tesouros. Lá se encontram a rabeca do pai de Laura, o órgão de Maria e a encantadora caixa de costura de Laura, assim como alguns objectos de Rosa. A Quinta do Cume Rochoso é agora uma exposição permanente, sem fins lucrativos. Se lá forem, os curadores, que amaram e conheceram pessoalmente os Wilders, mostrar-lhes-ão tudo e contar-lhes-ão pormenores que talvez não se encontrem nos livros desta série, para os ajudar a conhecer melhor Laura, Almanzo e Rosa.
Todos nós gostaríamos que houvesse mais histórias de Laura. Aprendemos a conhecer e estimar as suas qualidades de carácter e espírito. Entraram na nossa vida e deram-lhe significado. Mas, se não pode haver mais, possamos nós fazer histórias da nossa vida dignas da dela.

Roger Lea MacBride

Charlottesville, Virgínia, Julho de 1970.

PRÓLOGO

As estrelas pairavam, luminosas e baixas, sobre a pradaria. A luz permitia ver perfeitamente as cristas das colinas da terra suavemente ondulada, mas deixava as partes mais baixas e as concavidades mergulhadas em sombras mais profundas.
Um buggy leve, puxado por uma parelha de velozes cavalos escuros, passou

rapidamente pela estrada, que era apenas um traço vago através da erva. O buggy tinha o tejadilho descido, e a luz das estrelas brilhava suavemente na mancha escura do condutor e no vulto vestido de branco sentado a seu lado, e reflectia-se nas águas do lago da Prata, contidas nas suas margens baixas e invadidas pela erva.
A noite estava agradável, com a fragrância forte e orvalhada das rosas bravas da pradaria, que cresciam em grandes massas nas bermas da estrada.
Uma suave voz de contralto ergueu-se docemente no ar, acima do leve bater das patas dos cavalos, enquanto os animais, o buggy e os vultos que transportava passavam pela estrada.

E pareceu que as estrelas, a água e as rosas ficaram a ouvir a voz, tão silenciosas se tornaram, pois era delas que ela cantava:

À luz das estrelas, à luz das estrelas,
À chegada orvalhada do crepúsculo,
Quando o rouxinol canta à rosa
A sua última canção de amor;
Na calma e clara noite estival,
Quando a brisa sopra docemente,
Do brilho da nossa casa
Saímos sorrateira e suavemente.
Onde as águas argentinas murmuram
Junto à margem do mar,
À luz das estrelas, à luz das estrelas
Passearemos alegres e livres.

Era Junho, as rosas estavam em flor nas terras da pradaria e andavam namorados pelas noites calmas e perfumadas, tão sossegadas depois de os ventos se terem calado, ao escurecer.

CAPÍTULO I

O PRIMEIRO ANO

Estava uma tarde quente, com um vento forte a soprar do sul, mas na pradaria do Dacota, em 1885, ninguém se importava com o sol quente nem com os ventos fortes. Eram de esperar, constituíam uma parte natural da vida. Por isso, os cavalos a trote rápido que puxavam o buggy de reluzente tejadilho preto contornaram a esquina do estábulo público de Pierson e viraram do fim da Rua Principal para a estrada, naquela segunda-feira, às quatro horas da tarde.
De uma janela da casinha baixa, de três divisões, da reserva, a oitocentos metros de distância, Laura viu-os aproximarem-se. Estava a alinhavar cambraia para forrar o corpo do seu vestido novo de casimira preta, e mal tivera tempo de pôr o chapéu e pegar nas luvas, quando os cavalos castanhos e o buggy pararam à porta.
Laura fazia um belo quadro, parada à porta da tosca casa da reserva, com a erva castanha de
Agosto debaixo dos pés e os jovens choupos-do-canadá a formar o seu quadrado à volta do pátio.

O seu vestido de tecido cor-de-rosa com pequenos raminhos de flores azuis chegava-lhe à biqueira das botinas. A saia era farta e franzida na cintura. A cintura era justa, as mangas compridas e o vestido tinha um pouco de renda no pescoço. A touca de pala, de palha grossa verde-salva e forrada de seda azul, emoldurava-lhe suavemente as faces rosadas e os grandes olhos azuis encimados pela franja de cabelo castanho. Manly não disse nada de tudo quanto viu, mas ajudou-a a subir para o buggy e cobriu-a cuidadosamente com a manta leve, por causa da poeira. Depois puxou as rédeas e partiram para um inesperado passeio numa tarde de semana. Seguiram para sul, vinte quilómetros através da pradaria descampada, para os lagos Henry e Thompson, ao longo de cujo estreito istmo de terra que os separava havia cerejas e uvas bravas. Depois seguiram de novo pela pradaria para leste e norte, para o lago Spirit, que ficava a uns vinte e cinco quilómetros. Uns sessenta e cinco ou setenta quilómetros ao todo, mas sempre «à volta do quadrado», para regressarem a casa.

O tejadilho do buggy estava subido, a fim de proporcionar a sombra do calor do sol; a crina e a cauda dos cavalos voavam ao vento; corriam lebres, e galinhas da pradaria debicavam ocultas na erva. Géomis listrados mergulhavam nas suas tocas e patos selvagens voavam, no céu, de um lago para o outro.

Manly quebrou um silêncio um tanto ou quanto prolongado e disse:

- Não podemos casar em breve? Se não queres um grande casamento e estás disposta a isso, podemos casar já. Quando voltei do Minesota, no Inverno passado, a minha irmã começou a planear um grande casamento na igreja para nós. Disse-lhe que não queríamos e que abandonasse a ideia, mas ela não a abandonou. Vem para cá com a minha mãe para se encarregar do nosso casamento. Mas as colheitas estão à porta, vai ser um período muito atarefado e eu gostaria de que nos arrumássemos primeiro.

Laura girou o anel de ouro, com a sua pérola e a sua granada, à volta do indicador da mão esquerda. Era um bonito anel e ela gostava de o ter, mas...

- Tenho estado a pensar - disse. - Não quero casar com um agricultor. Sempre disse que não o faria. Gostaria que fizesses outra coisa qualquer. Há oportunidades na cidade, enquanto é tão nova e está em desenvolvimento.

Seguiu-se novo silêncio e depois Manly perguntou:

- Por que motivo não queres casar com um agricultor?

E Laura respondeu-lhe:

- Porque uma quinta é um lugar muito duro para uma mulher. Tem tanto que fazer! Ajudar às colheitas, cozinhar para os debulhadores... Além disso, um agricultor nunca tem dinheiro.

Nunca consegue tê-lo, porque é a gente da cidade que lhe diz o que lhe pagará pelo que ele tem para vender e em contrapartida debitam-lhe o que lhes apetece pelo que ele tem de comprar. Não é justo.

Manly riu-se.

- Bem, como o irlandês disse, neste mundo está tudo compensado: os ricos têm o seu gelo no Verão, mas os pobres têm-no no Inverno.

Laura recusou-se a levar o assunto a brincar.

- Não quero ser sempre pobre e trabalhar duramente enquanto a gente da cidade tem uma vida desafogada e ganha dinheiro connosco.

- Mas tu estás a ver as coisas mal - afirmou-lhe Manly, muito sério. - Os agricultores são os únicos que são independentes. Quanto tempo duraria um comerciante se os agricultores não negociassem com ele? Há uma luta entre eles, para agradar ao agricultor. Eles têm de tirar negócios uns aos outros a fim de ganharem mais dinheiro, ao passo que o agricultor só tem de cultivar outro campo se quer ganhar um pouco mais. Este ano tenho vinte e cinco hectares de

trigo. É suficiente para mim, mas se tu fores viver para a quinta, desbravarei o terreno este Outono e na próxima Primavera cultivarei mais vinte e cinco hectares.
Também posso cultivar mais aveia e, assim, criar mais cavalos, e criar cavalos é coisa que compensa.
Compreendes, numa quinta depende tudo do que um homem está disposto a fazer. Se ele está disposto a trabalhar e a prestar a sua atenção à quinta, pode ganhar mais dinheiro do que os homens da cidade e ser sempre patrão de si 'mesmo.

Houve novo silêncio - um silêncio céptico da parte de Laura-, que Manly voltou a interromper:
- Se experimentares durante três anos e, ao fim desse tempo, eu ainda não tiver tido êxito como agricultor, desistirei e farei o que quiseres que eu faça. Prometo-te que ao fim de três anos deixaremos de ser agricultores, se eu não tiver tido tal êxito que estejas disposta a continuar.
Laura consentiu em experimentar durante três anos. Gostava de cavalos e agradava-lhe a liberdade e o espaço da vasta pradaria, sempre com o vento a agitar a erva alta dos pântanos e a fazer restolhada entre a erva curta e encaracolada, tão verde nas lombas mais altas, na Primavera, e tão cinzento-prateada e castanha, no Verão. Era tudo tão perfumado e fresco! No princípio da Primavera as violetas silvestres atapetavam e perfumavam as pequenas concavidades e em Junho as rosas bravas da pradaria desabrochavam por toda a parte. Dois lotes dessa terra, cada um com oitenta hectares de solo preto e rico, seriam deles, pois Manly já cumprira o período de experiência de uma reserva e tinha outra onde plantara os cinco hectares de árvores exigidos pela lei a fim de obter o título da propriedade. As três mil quatrocentas e cinco árvores estavam plantadas com um intervalo de dois metros e quarenta centímetros em todos os sentidos.

Entre as duas reservas havia um lote para uma escola, onde qualquer podia cortar o feno: quem primeiro chegasse, primeiro se serviria.
Seria muito mais divertido viver na terra do que na rua da cidade, com vizinhos tão próximos de ambos os lados, e se Manly tivesse razão... Enfim, Laura prometeu experimentar.
- A casa na reserva das árvores estará acabada dentro de duas semanas - disse Manly. - Casemos para a próxima semana. Será a última semana de Agosto e antes de começar a azáfama da colheita. Limitemo-nos a ir a casa do reverendo Brown para que nos case e depois sigamos para a nossa casa.
Mas Laura discordou, porque só lhe pagariam o último mês de escola em Outubro e ela precisava do dinheiro para comprar roupas.
- Que mal têm as roupas que tens? - - perguntou Manly. - Estás sempre bem vestida e se casarmos depressa não precisaremos de roupas finas.
Se dermos à minha mãe tempo suficiente, ela e as raparigas virão do Leste e então teremos de ter um grande casamento na igreja. Eu não posso arcar com essa despesa, e o teu mês de ordenado não seria suficiente para ti.
Tais palavras foram uma surpresa, pois Laura não pensara em tal coisa. Naquela nova região selvagem, as pessoas do Leste nunca pareciam ser reais e não eram consideradas quando se faziam planos. Mas Laura lembrou-se, com um certo abalo,

que a família de Manly, no Minesota Oriental, era abastada e que uma das irmãs tinha uma reserva perto. Viriam, com certeza, se soubessem a data do casamento, data que a mãe dele perguntara qual era, na sua última carta.
Não podia pedir ao pai que fizesse despesas com o casamento. Bastantes

dificuldades já ele tinha para cobrir as despesas da família até os seus oitenta hectares de terras bravias darem algum lucro. Não se podia esperar muito da terra cheia de raízes no primeiro ano em que era surribada, e a terra de cultivo do pai fora-o recentemente.

Parecia não haver outra solução além de casar depressa, pois ter uma casa e uma dona de casa na azáfama do Outono representaria uma ajuda. A mãe de Manly compreendia e não se ofenderia. Quanto aos vizinhos e amigos, considerariam que fora o procedimento certo e razoável, pois estavam todos empenhados na mesma luta para se fixarem nas suas casas na nova terra da pradaria.

Por isso, na quinta-feira, 25 de Agosto, às dez horas da manhã, os velozes cavalos castanhos e o buggy de tejadilho brilhante contornaram o estábulo público de Pierson, percorreram rapidamente os oitocentos metros de distância e pararam à porta da pequena casa da reserva, no quadrado formado pelos jovens choupos-do-canadá.

Laura estava à porta, ladeada pelos pais e com as duas irmãs atrás.

Ajudaram-na todos alegremente a subir para o buggy. O seu vestido de casamento era o vestido novo de casimira preta, que ela pensara daria muito jeito, pois uma mulher casada precisava de ter um vestido preto.

Toda a sua restante roupa e os pequenos tesouros da sua infância e juventude tinham sido metidos num baú e aguardavam na casa acabada de construir de Manly.

Laura olhou para trás e viu a mãe, o pai, Carrie e Graça agrupados entre as árvores jovens. Atiraram-lhe beijos e acenaram com as mãos. Brilhantes folhas verdes dos choupos-do-canadá também acenavam ao vento mais forte da tarde e Laura sentia um pequeno nó na garganta, porque pareciam estar a dizer-lhe adeus e porque viu a mãe passar rapidamente a mão pelos olhos.

Manly compreendeu, pois colocou a mão em cima da de Laura e apertou-a com força.

O pregador vivia na sua reserva, a pouco mais de três quilómetros, mas a Laura pareceu uma distância muito grande, embora a tivessem percorrido depressa. Uma vez na sala da frente, a cerimónia foi rápida. O Sr. Brown entrou apressado, ainda a vestir o casaco. A mulher dele e a filha Ida, a amiga mais querida de Laura-, com o noivo, foram as testemunhas e as únicas pessoas presentes.

Laura e Manly estavam em breve casados para o melhor e para o pior, para a riqueza e para a pobreza.

Depois voltaram para casa dos pais dela para o almoço e, no meio de votos de felicidades e alegres despedidas, subiram de novo para o buggy e partiram para a nova casa, do outro lado da cidade. O primeiro ano começara.

O vento estival soprava suavemente e o sol entrava pelas janelas do lado oriental, naquela primeira manhã. 'O Sol nascera cedo, mas o pequeno-almoço era ainda mais cedo, pois Manly não devia chegar atrasado à reserva dos Webbs para a debulha. Estariam lá todos os vizinhos. Como esperavam que o Sr. Webbs lhes desse um bom dia de trabalho em troca, quando chegasse a vez deles com os debulhadores, ninguém se podia dar ao luxo de chegar atrasado e fazer esperar os outros. Por isso, o primeiro pequeno-almoço na casa nova foi apressado.

Depois Manly partiu, com os cavalos castanhos atrelados à carroça da madeira, e Laura ficou sozinha.

Seria um dia atarefado o seu, pois havia muito que fazer para pôr a pequena casa nova em ordem.

Antes de começar, Laura reviu as suas divisões com todo o orgulho da posse.

Havia a cozinha-sala de estar, tudo numa divisão, mas tão bem proporcionado e tão inteligentemente mobilado que correspondia maravilhosamente aos fins a que se destinava.

A porta principal, no canto nordeste da sala, dava para o caminho de carros, em forma de ferradura, defronte da casa. Logo a sul ficava a janela leste, onde o

sol matinal brilhava.

23

No central da parede sul havia outra janela luminosa.
A mesa de abas estava encostada à parede ocidental, com uma aba levantada e uma cadeira de cada lado. Cobria-a a toalha aos quadrados encarnados da mãe, sobre a qual estavam os restos do matinal pequeno-almoço. Uma porta, a seguir à mesa, dava para o telheiro, onde estava o fogão de cozinhar de Almanzo, assim como caçarolas e frigideiras nas paredes. Depois havia uma janela e uma porta das traseiras que abria para o lado sul.
No canto defronte da porta do telheiro ficava a porta da copa: E que copa! Laura sentia-se tão encantada com ela que ficou diversos minutos parada à porta, a admirá-la. Era estreita, claro, mas comprida. À frente de Laura, ao fundo, havia uma janela grande e do lado de fora da janela um jovem choupo-do-canadá, cujas pequenas folhas verdes tremiam, agitadas pelo vento da manhã. Diante da janela, do lado de dentro, havia uma larga prateleira de trabalho, com a altura adequada. Na parede da direita, a todo o comprimento, havia uma tábua com pregos para pendurar alguidares, panos de louça, peneiras e outros utensílios de cozinha.
Mas a parede da esquerda era toda ela um bonito armário. Manly arranjara um carpinteiro de outros tempos, que, apesar de velho e vagaroso, fazia belo trabalho, e a copa tinha sido para Manly o seu orgulho e uma obra de amor.

24

A parede tinha prateleiras a todo o comprimento. A de cima ficava a pouca distância do tecto e a partir dela os espaços entre as prateleiras aumentavam até na prateleira de baixo caberem jarros altos e pratos em pé. Abaixo desta prateleira havia uma série de gavetas tão bem feitas e ajustadas como se pertencessem a um móvel de compra. Uma delas, grande e larga, levava uma fornada de pão. Outra já tinha uma saca inteira de farinha de trigo, outra mais pequena tinha farinha integral, outra farinha de milho, outra ainda, grande e pouco funda, era para embrulhos e havia mais duas: uma já cheia de açúcar branco e outra de açúcar escuro. E mais outra com o presente de casamento de Manly: facas, garfos e colheres de prata, de que Laura se orgulhava muito.
Debaixo das gavetas havia um espaço até ao chão onde se encontrava o boião de pedra dos biscoitos, o boião dos donnuts e o boião da banha. Aí se encontrava também a batedeira alta, de pedra, da manteiga. A batedeira parecia muito grande, atendendo a que a única vaca que dava leite era a pequena vitela fulva que o pai de Laura lhes oferecera como presente de casamento; mas haveria mais natas, mais tarde, quando a vaca de Manly desse leite.
No centro da copa, um alçapão dava para a cave.
A porta do quarto ficava defronte do canto da porta da frente. Na parede, aos pés da cama, havia uma prateleira alta para chapéus. Da aresta da prateleira até ao chão pendia uma cortina e na parede atrás dela havia cabides para pendurar roupa. E havia uma carpete no chão!

25

Os soalhos de pinho da sala da frente e da copa estavam pintados de um amarelo brilhante. As paredes da casa toda eram de estuque branco, e o trabalho de madeira de pinho era macio como cetim e estava envernizado na sua cor natural. Era uma casinha nova e luminosa e toda deles, pensou Laura. Pertencia apenas a Manly e a ela.
A casa tinha sido construída na reserva das árvores, a contar com o tempo em que os pequenos rebentos das árvores estariam crescidos. Manly e Laura já tinham a sensação de a ver num belo bosque de choupos-do-canadá, olmos e bordos, já plantados ao longo da beira da estrada. As arvorezinhas erguiam-se

no semicírculo do caminho que ficava defronte da casa, juntas umas às outras, de ambos os lados e ao fundo. Oh, se fossem bem tratadas não tardariam a abrigar e proteger a pequena casa do calor do Verão, do frio do Inverno e dos ventos que sopravam constantemente! Mas Laura não podia ficar parada na copa, a sonhar e a ver bulir as folhas do choupo-do-canadá. Tinha que fazer. Levantou rapidamente a mesa do pequeno-almoço. Era só um passo da mesa para a copa, onde estava tudo disposto como devia ser nas prateleiras. Empilhou os pratos sujos no alguidar da bancada de trabalho, defronte da janela. A chaleira de água quente, no fogão, também estava à mão e em breve estava tudo lavado e limpo e fechada a porta de uma copa perfeitamente em ordem.

26

A seguir, Laura deu brilho ao fogão com um pano de flanela, varreu o chão, desceu a aba da mesa e cobriu-a com uma toalha encarnada, limpa. A toalha tinha um bonito debrum e transformava a mesa num ornamento próprio de qualquer sala da frente.
Ao canto, entre a janela do leste e a janela do sul, havia uma mesa pequena, de centro, com uma cadeira de braços de um lado e uma pequena cadeira de balanço do outro. Por cima, suspenso do tecto, havia um candeeiro de vidro com pendentes brilhantes. Aí ficava a parte sala da divisão, que ficaria completa quando estivessem na estante livros de poemas de Scott e Tennyson. Em breve teria alguns gerânios em latas, nas janelas, e então ficaria simplesmente bonito.
Mas as janelas precisavam de ser lavadas. Estavam salpicadas de estuque e tinta da construção da casa. E como Laura detestava lavar janelas!
Nesse momento, bateram ao guarda-vento: era Hattie, a rapariga que trabalhava a dias na quinta vizinha. Manly passara por lá, ao dirigir-se para a debulha, e pedira-lhe que fosse lavar as janelas quando não fizesse falta!
Assim, Hattie lavou as janelas enquanto Laura arrumava o pequeno quarto e tirava as suas coisas do baú. O chapéu já estava na prateleira e o vestido do casamento pendurado no seu cabide, atrás da cortina.
Havia poucos vestidos para pendurar- o dd seda fulva com riscas pretas e o de popelina castanha, que ela fizera.

27

Tinham sido usados muitas vezes, mas ainda estavam bons. Além desses havia o cor-de-rosa com florinhas azuis, que só vestiria mais uma ou duas vezes naquele Verão antes de chegar o frio, e o vestido de trabalho' cinzento, para alternar com o azul que tinha vestido.
O seu casaco do último Inverno parecia muito bom pendurado no cabide ao lado do sobretudo de Manly. Serviria muito bem para o Inverno que aí vinha. Não queria tornar-se uma despesa para Manly logo no princípio. Queria ajudá-lo a provar que a agricultura rendia tanto como qualquer outro negócio. Aquela casa era tão encantadora, que seria muito melhor viver ali do que numa rua da cidade.
Oh, desejava que Manly tivesse razão! E sorriu ao repetir para consigo: «Neste mundo está tudo compensado.»
Manly chegou tarde a casa, pois os debulhadores trabalhavam enquanto houvesse luz. O jantar estava na mesa quando ele voltou de tratar dos animais e, enquanto comiam, disse a Laura que os debulhadores viriam no dia seguinte e estariam ali ao meio-dia para almoçar.
Seria o primeiro almoço na casa nova e ela teria de cozinhá-lo para os debulhadores! Para a encorajar, Manly disse-lhe:
- Hás-de sair-te bem. E nunca é tarde para aprender.

28

Laura tinha sido sempre mais uma jovem pioneira do que a filha de um

agricultor, andara sempre a mudar-se para novos lugares antes de os campos de cultivo se tornarem grandes. Por isso, ter de cozinhar sozinha para um grupo de homens do tamanho de uma equipa de debulhadores era assustador. Mas se ela ia ser a mulher de um agricultor, tudo isso fazia parte do seu trabalho corrente. Por isso, no outro dia de manhã cedo, começou a planear e a preparar o almoço. Trouxera de casa uma fornada de pão e, juntamente com algum pão quente de milho, seria suficiente. Tinha carne de porco e batatas e na véspera pusera feijão de molho. Na horta havia uma planta de ruibarbo e faria umas duas tartes. A manhã passou muito depressa, mas quando os homens chegaram ao meio-dia, de debulhar, o almoço encontrava-se na mesa.

A mesa estava no meio da sala e com as duas abas levantadas, para dar espaço, mas mesmo assim alguns homens tiveram de esperar para uma segunda volta. Estavam todos com muita fome, mas a comida era abundante, embora parecesse haver qualquer coisa que não batia certo com os feijões. Carecida do olho experiente da mãe, Laura não os deixara cozer tempo suficiente e estavam duros. E quando chegou a altura da tarte... O Sr. Perry, um vizinho dos pais de Laura, foi o primeiro a prová-la. Depois levantou a crosta de cima, estendeu a mão para o açucareiro e deitou muito açúcar no seu bocado de tarte.

- É assim que gosto - explicou. - Quando uma tarte não tem açúcar, então cada qual pode adoçá-la a seu gosto, sem ferir as susceptibilidades da cozinheira.

O Sr. Perry tornara a refeição agradável. Contara histórias de quando era rapaz, na Pensilvânia. A sua mãe, disse, costumava utilizar cinco feijões e uma panela de água para fazer sopa de feijão. A panela era tão grande que depois de comerem todo o caldo de feijão e todo o pão que podiam tinham de despir o casaco e de mergulhar para apanhar um feijão, se o queriam. Toda a gente se riu e conversou e se mostrou muito cordial, mas Laura sentiu-se mortificada por causa dos feijões e da tarte sem açúcar nenhum. Estivera com tanta pressa, quando fizera as tartes... Mas como pudera ser tão descuidada? O ruibarbo era tão ácido que a primeira dentada devia ter sido simplesmente horrível.

O trigo produzira apenas dez alqueires por cada meio hectare e vendia-se a cinquenta cêntimos por hectare. Não tinha sido grande colheita. O tempo estivera demasiado seco e o preço era baixo. Mas o campo de aveia produzira o suficiente para os cavalos e ainda sobrara alguma. E havia feno em grandes medas, que dava para os cavalos e para as vacas e também para vender.

Manly estava muito alegre e já a fazer projectos para o ano seguinte. Tinha uma grande pressa de começar a lavra do Outono e de desbravar nova terra, pois estava decidido a duplicar

- ou mais, se fosse possível - os hectares cultivados no ano seguinte. O trigo para semente foi armazenado na cabana da outra reserva, pois não ha via nenhum celeiro na reserva das árvores. O restante foi vendido.

Aquela época foi atarefada e feliz. Manly ia cedo para o campo, lavrar, e Laura não parava todo o dia, a cozinhar, a fazer pão, a fazer manteiga, a varrer, a lavar, a passar a ferro e a coser. Era pequena e delgada, mas as suas mãos pequenas e os seus pulsos eram fortes e ela despachava o trabalho. À tarde, vestia sempre um vestido lavado e sentava-se no canto da sala a coser e fazer meias para Manly.

Aos domingos davam um passeio de buggy e, enquanto os cavalos trotavam pelas estradas da pradaria, Laura e Manly cantavam as velhas canções da escola de canto. A sua favorita era:

Não Deixem a Quinta, Rapazes:
Falais das minas da Austrália,
Têm riqueza em ouro vermelho, sem dúvida;

Mas, oh, também há ouro na quinta, rapazes!
Basta que saibais tirá-lo!

Coro:

Não tenhais pressa de partir!
Não tenhais pressa de partir!
É melhor arriscar mais um tempo na velha quinta,
Não tenhais pressa de partir!

Laura lembrava-se do trigo dourado armazenado na cabana da reserva e sentia-se contente.
Os passeios agora eram curtos, pois lavrar era trabalho duro para os bonitos e velozes Skip e Barnum, a parelha que puxava o buggy.
Manly dizia que eles não eram suficientemente grandes para desbravar a nova terra emaranhada de raízes. Um dia, chegou a casa, vindo da cidade, com dois grandes cavalos atrelados atrás do carroção, a puxarem um arado desbravador novo. Agora podia atrelar os quatro cavalos ao arado grande. Assim não teria problemas em desbravar a terra para as sementeiras. Os cavalos tinham sido uma pechincha, porque o dono estava com pressa de vender e ir-se embora. Vendera a cedência da sua reserva a um homem do Leste e ia mais para oeste, ocupar outra reserva onde ainda havia terra do Governo.
O arado desbravador custara cinquenta e cinco dólares, mas Manly só pagara metade e assinara uma promissória para pagar o restante no ano seguinte. O arado abria e revolvia um sulco de quarenta centímetros de largura na dura terra inçada de raízes de erva e pagar-se-ia a si mesmo com os hectares a mais que Manly poderia desbravar e preparar para cultivo, uma vez que poderia ser transportado, em vez de ir a pé e a segurar um estreito arado simples.
Depois disso, de manhã, Laura costumava ajudar a atrelar os quatro cavalos 'ao arado. Aprendeu também a conduzi-los e a manejar o arado e às vezes dava diversas voltas à roda do campo. Achava isso muito divertido.

32 - 33

Pouco depois, Manly voltou outro dia da cidade trazendo atrás do carroção um pequeno pónei cinzento-ferro.
- Tens aqui uma coisa para te entreteres - disse a Laura. - Não quero voltar a ouvir-te dizer que o teu pai não te deixou aprender a conduzir os seus cavalos. Este é manso e não te magoará.
Laura olhou para o pónei e adorou-o.
- Chamar-lhe-ei Trixy - disse.
As patas do pónei eram pequenas e as pernas finas e espalmadas. A cabeça era pequena, com o focinho claro e orelhas espetadas e alerta. Os olhos eram grandes, vivos e mansos e a crina e a cauda compridas e bastas. Nessa noite, depois do jantar, Laura escolheu uma sela pelas descrições e gravuras do catálogo Montgomery Ward e preencheu a encomenda para a meter no correio assim que fosse à cidade. Custou-lhe muito esperar que a sela chegasse, mas para ajudar a passar as duas semanas travou amizade com Trixy. A sela era bonita, toda de couro, castanha e com ponteado de fantasia e adornos niquelados.
- E agora - disse Manly - vou selar a Trixy e tu e ela poderão aprender ao mesmo tempo, Tenho a certeza de que será mansa, apesar de nunca ter sido montada, mas é melhor levá-la para o terreno lavrado. O piso será mais difícil para ela - não poderá ser tão travessa - e se tu caíres o chão será mais macio.

34

Por isso, quando Laura estava em segurança na sela, com o pé esquerdo no

estribo de couro e o joelho direito passado sobre a maçaneta, com a revira a aconchegá-lo bem, Manly largou a rédea e Laura e Trixy partiram pelo terreno lavrado. Trixy foi boa e fez o possível para agradar, apesar de ter medo da saia de Laura batida pelo vento. Laura não caiu e dia após dia aprenderam as duas a arte de montar.
O Outono ia adiantado. As noites estavam frias e em breve o solo gelaria. O desbravamento do novo campo de vinte e cinco hectares estava quase terminado. Agora não havia passeios de domingo à tarde. Skip e Barnum andavam a trabalhar muito duramente, com o arado, e seria excessivo fazê-los puxar também o buggy. Precisavam do seu dia de descanso. Em vez dos passeios de buggy, havia grandes passeios a cavalo, pois Manly também tinha um pónei de sela, e Fly e Trixy, que não tinham mais nada que fazer, estavam sempre prontos para sair. Laura e Trixy tinham aprendido juntas a andar entre o trote e o passo e a trote. O trote curto levava-as do lado da estrada para o meio coberto de erva, passando por cima do rastro de uma roda. Outro salto e passavam por cima do rastro da outra roda. Trixy aterrava tão suavemente, com as suas elegantes patinhas, que Laura nunca sentia nenhum estremeção.

Um dia, quando trotavam por uma estrada abaixo, Manly disse:
- Oh, sim, a Tríxy sabe saltar curto e rápido, mas Fly consegue distanciar-se dela!
E Fly arrancou. Laura inclinou-se para o pescoço de Tríxy, tocou-lhe com o chicote e imitou, o melhor que pôde, o grito de um cowboy. Tríxy lançou-se como uma flecha e deixou Fly para trás. Laura parou e aguardou, um pouco ofegante, que Manly as alcançasse. Mas quando Manly protestou contra o arranque súbito, Laura respondeu, despreocupada:
- Oh, a Tríxy disse-me que tinha muito tempo!
Depois disso, ficou muitas vezes provado que Tríxy era mais veloz - frequentemente numa cavalgada de trinta quilómetros pela pradaria deserta, antes do pequeno-almoço.
Foi uma época feliz e despreocupada, pois duas pessoas em completa consonância podem fazer o que lhes apetece.
Sem dúvida que, de vez em quando, Laura pensava na magra colheita e preocupava-se. Uma vez, até poupou cuidadosamente as natas e mandou para a cidade um boião de manteiga fresca para ser vendido, pensando que ajudaria a pagar os géneros de mercearia que Manly comprava. Com a manteiga mandou cinco dúzias de ovos, pois a pequena ninhada de galinhas que esgaravatavam o alimento à volta do estábulo e das medas de palha e nos campos, estava a pôr maravilhosamente bem.

Mas Manly voltou com a manteiga. Nenhuma loja da cidade a quisera por preço nenhum; quanto aos ovos só conseguira cinco cêntimos por cada dúzia. Desse modo, Laura não pôde ajudar de maneira nenhuma. Mas para quê preocupar-se? Manly não se preocupava.
Quando o desbravamento da terra ficou concluído, foi a vez de tornar mais aconchegado para o Inverno o estábulo de feno das traseiras da casa. Era um abrigo quente para os animais, com o feno bem comprimido contra a estrutura de madeira, de ambos os lados. Até havia feno empilhado no telhado, com cerca de um metro e vinte de altura nas telhas e um pouco mais no cume do telhado a fim de ficar com inclinação suficiente para escorrer a água.
Com uma comprida faca de feno, Manly abrira dois buracos através da meda de feno do lado sul do estábulo. Depois colocara janelas nos buracos, do lado de dentro, pois, segundo dizia, os animais precisavam de ter luz, mesmo com a porta fechada.
Aconchegado o estábulo, chegou a altura da matança.

Mas Ole Larsen, o vizinho do outro lado da estrada, matou primeiro. O Sr. Larsen andava sempre a pedir coisas emprestadas e dava origem a desacordos entre Manly e Laura, pois esta não gostava que as ferramentas e máquinas fossem usadas e partidas e nunca devolvidas. Quando via Manly ir a pé para o fundo do campo de Ole Larsen, a fim de ir buscar qualquer máquina que deveria estar no seu próprio estábulo,

ficava furiosa. Mas Manly dizia que deviam ser vizinhos prestáveis.
Por isso, quando o Sr. Larsen foi pedir emprestada a grande tina para escaldar o seu porco quando o matasse, ela respondeu-lhe que a levasse. Manly estava na cidade, mas ela sabia que ele a emprestaria.
Passados poucos minutos, o Sr. Larsen voltou, desta vez para pedir a tina da roupa para aquecer a água com a qual escaldaria o porco. E depois voltou por via das facas para fazer trabalho, e um pouco mais tarde para pedir a mó de amolar, a fim de afiar as facas. Furiosa, Laura disse para consigo que se ele viesse, a seguir, pedir-lhe o porco gordo para o matar, o deixaria levá-lo. Mas ele tinha um porco seu.
E depois de tudo isso nem lhes ofereceu um bocadinho de carne fresca, como fazem sempre os bons vizinhos.
Poucos dias depois, Manly matou o seu porco e Laura teve de fazer pela primeira vez, sozinha, enchidos, galantina e banha. Os presuntos, as pás e os entrecostos foram gelados no telheiro e o toucinho foi salgado e metido num pequeno barril.
Laura descobriu que trabalhar sozinha era muito diferente de ajudar a mãe. Mas fazia parte dos seus deveres, e ela cumpria-os, embora detestasse o cheiro da banha quente e o facto de ver tanta carne fresca lhe tirasse o apetite para a comer.

Foi por essa altura que os directores da escola puderam pagar-lhe o ordenado do último mês que ela ensinara. O dinheiro fê-la sentir-se rica e começou a pensar como o gastaria. Manly disse-lhe que, se comprasse um potro, poderia duplicar o dinheiro ao vendê-lo quando estivesse crescido. Foi, portanto, isso que decidiram fazer e Manly comprou um baio de dois anos que prometia crescer bem.
Laura não se incomodou a dar-lhe um nome. Para quê, se era só para vender de novo? Mas o animal era bem alimentado, escovado e tratado, para crescer bem.
Num dia tempestuoso, Manly partiu cedo para a cidade e deixou Laura muito só. Estava habituada a ficar sozinha e não se preocupava com isso, mas o vento estava tão frio e agreste que ela nem abrira a porta da frente. Ainda estava fechada, como ficara durante a noite. A meio da manhã, quando andava atarefada com o seu trabalho, olhou pela janela e viu um pequeno grupo de cavaleiros atravessar a pradaria, vindos do sudeste. Admirou-se de não virem pela estrada. Quando se aproximaram mais, reparou que eram cinco e índios.
Já vira índios muitas vezes, sem medo, mas sentiu um sobressalto no coração quando eles chegaram à casa e, sem baterem, tentaram abrir a porta da frente. Ficou grata por a porta estar fechada à chave e dirigiu-se rapidamente para a sala do fundo, cuja porta fechou também à chave.

Os índios contornaram a casa para as traseiras e tentaram abrir essa porta. Depois, vendo Laura através da janela, fizeram-lhe sinais para abrir a porta e para lhe dar a entender que não lhe fariam mal. Mas Laura abanou a cabeça e disse-lhes que se fossem embora. Provavelmente só queriam qualquer coisa para comer, mas nunca se sabia. Havia apenas três anos, os índios quase tinham

enveredado pela guerra, um pouco para oeste, e mesmo agora ainda ameaçavam frequentemente os acampamentos do caminho-de-ferro.
Não lhes abriu a porta, mas observou-os enquanto tagarelavam uns com os outros. Não conseguia entender uma palavra e teve medo. Não estavam a proceder como devia ser. Porque não se iam embora?
Em vez disso, dirigiram-se para o estábulo... e a sua sela nova estava pendurada no estábulo e Trixy também lá estava... Trixy! A sua mascote e companheira!
O seu medo aumentou. Em casa estava em relativa segurança, pois dificilmente conseguiriam entrar. Mas Laura, além de assustada, sentiu-se também furiosa e, como sempre, actuou sem pensar. Abriu de repente a porta, correu para o estábulo, parou à porta e ordenou aos índios que saíssem. Um deles apalpava o couro da sua bonita sela e outro estava na baia com Trixy, que também estava com medo. Não gostava de desconhecidos e puxava pelo cabresto, toda a tremer. Os outros índios examinavam a sela de Manly

e os arneses do buggy, com os seus bonitos adornos niquelados. Mas saíram todos e reuniram-se à volta de Laura, do lado de fora da porta. Ela barafustou e bateu com o pé. Tinha a cabeça descoberta e as tranças compridas castanhas esvoaçavam ao vento, enquanto os seus olhos coruscavam, como sempre que estava zangada ou muito excitada.
Os índios fitaram-na um momento. Depois um deles resmungou uma palavra ininteligível e pôs a mão no braço de Laura. Rápida como um raio, ela esbofeteou-o com toda a força.
O índio ficou zangado e começou a avançar para ela, mas os outros riram-se e um que parecia ser o chefe deteve-o. Depois, apontando para si e para o seu pónei e a seguir, com um gesto largo do braço, para o oeste, disse:
- Vir comigo... ser minha squaw?
Laura abanou a cabeça, bateu de novo o pé e apontou-lhes os seus póneis e disse-lhes que se fossem embora.
E eles foram, cavalgando sem sela nem rédea.
Mas, ao partirem, o chefe voltou-se e olhou para Laura, que estava parada, com o vento a bater-lhe nas saias e as tranças a esvoaçar, a vê-los afastar-se através da pradaria, para oeste.
Os gansos selvagens voavam para sul. De dia, o céu estava cheio deles, a voar nas suas formações em V, com os da frente a chamar e os outros a responder, até o mundo parecer cheio dos seus gritos.

Até à noite se ouviam, quando os seus bandos aparentemente infindáveis partiam à frente do frio, vindos de norte.
Laura gostava de vê-los contra o azul do céu, grandes e mais pequenos, com o líder no vértice e os outros a alargar atrás, sempre numa formação perfeita. E também gostava de ouvir o seu forte e claro honk, honk. Havia neles um não-sei-quê de muito selvagem e livre, sobretudo à noite, quando o grito solitário e agreste soava através da escuridão, sempre a chamar. Era quase irresistível. Laura ansiava por ter asas para os poder seguir.
Manly observou:
- Um velho ditado diz que «tudo é encantador quando os gansos gritam alto», mas eu tenho o pressentimento de que vamos ter um inverno duro, pois os gansos estão a voar muito alto e com muita pressa. Não param nos lagos para descansar nem para comer. Fogem à frente de uma tempestade.
Durante vários dias os gansos apressaram-se na sua viagem para sul; depois, numa tarde soalheira e calma, uma linha de nuvens escuras apareceu no horizonte, a noroeste. Subiu rapidamente, cada vez mais alto, até o sol ficar subitamente coberto. Então o vento soprou como se uivasse e uma mancha de neve turbilhonante ocultou o mundo.

Laura estava sozinha quando o vento atingiu a esquina

de noroeste da casa com tanta força que toda a construção estremeceu. Correu rapidamente para a janela, mas só viu uma parede de brancura para lá dos vidros. Manly estava no estábulo e, ao ouvir um uivo súbito da tempestade, tambem olhou por uma janela. Depois, embora a tarde ainda estivesse apenas a meio, deu comida aos cavalos e às vacas, já para a noite, e ordenhou a vitela para o pequeno balde em que trouxera algum sal. Fechou cuidadosamente a porta do estábulo e pôs-se a caminho de casa. Assim que se afastou do abrigo do feno, à porta do estábulo, sentiu toda a força da tempestade. Parecia vir de todas as direcções ao mesmo tempo. Fosse para que lado fosse que virasse o rosto, ficava de frente para o vento. Sabia em que direcção ficava a casa, mas não a via. A única coisa que via era uma enorme mancha branca. Arrefecera intensamente, e a neve era uma poalha de gelo que enchia os olhos e os ouvidos e o deixava sufocado todas as vezes que respirava. Dados poucos passos, deixou também de ver o estábulo. Estava sozinho no mundo branco e turbilhonante.
Com o rosto voltado na direcção certa, Manly avançou; mas não tardou a compreender que já andara o suficiente para chegar a casa, embora ainda a não visse. Mais alguns passos e tropeçou numa velha carroça que tinha sido deixada a pouca distância a sul da casa. Apesar de ter tomado em consideração essa eventualidade, o vento empurrara-o para sul do seu caminho. Mas agora sabia onde estava. Voltou-se de novo na direcção certa e começou a andar. Mais uma vez compreendeu que já devia

ter chegado a casa. Mas não chegara. Se ficasse completamente confuso com tudo aquilo, corria o risco de nunca a encontrar e de ir parar à pradaria deserta, onde pereceria, ou até de gelar a poucos passos de casa antes de a tempestade terminar. Com aquele vento, nenhum grito seu se ouviria. Bem, mas o melhor era andar mais um bocadinho; não ganhava nada em ficar parado. Outro passo e o seu ombro roçou ligeiramente por qualquer coisa. Estendeu a mão e tocou na esquina de uma construção. A casa! Por pouco não passara sem dar por ela, direito ao coração da tempestade.
Com a mão na parede, foi seguindo até chegar à porta das traseiras.
Entrou de roldão, juntamente com a tempestade, e parou a pestanejar, para tirar a neve dos olhos, no calor e no abrigo da casa, que estivera tão perto de perder. Continuava a agarrar o balde do leite. Na sua luta com a tempestade, não o entornara - porque estava congelado, claro.
A nevasca rugiu durante três dias e três noites. Antes de voltar ao estábulo, Manly seguiu ao longo da parede da casa até chegar à comprida corda da roupa atada à esquina. Com a mão na corda, seguiu-a para as traseiras da casa. Desatou-a, contornou a casa até à porta e voltou a atar a corda aí. Depois atou à ponta solta outra corda mais curta, que tinha posto no telheiro. Assim, desenrolando a corda à medida que avançava, pôde chegar à meda de feno da porta do estábulo,

onde a atou bem, e voltar a casa em segurança. Depois disso, passou a ir ao estábulo uma vez por dia tratar dos animais.
Enquanto a nevasca uivava e rugia no exterior, Laura e Manly permaneceram dentro de casa. Laura mantinha o lume aceso com o carvão guardado no telheiro, cozinhava os géneros que tinha na copa e na cave e à tarde cantava enquanto tricotava. O velho Shep e o gato deitavam-se ambos, como dois bons companheiros, no tapete que ficava defronte do fogão de cozinhar, e havia calor e conforto na pequena casa que se erguia tão galhardamente no meio dos

elementos em fúria.
Ao fim da tarde do quarto dia o vento abrandou. Perdeu a sua força turbilhonante e soprou, a neve solta rente ao solo, até formar montes duros na pradaria, com manchas de solo nu a espreitar entre eles. O sol brilhou de novo, com uma luz gelada e enormes parélios de guarda de cada lado. E estava um frio!
Laura e Manly saíram de casa e olharam para a paisagem desolada. Nos seus ouvidos ainda vibrava o tumulto da tempestade e o silêncio que se lhe seguira causava-lhes uma certa confusão.
- Esta foi muito má - comentou Manly. - Vamos ouvir falar de muitos estragos causados por ela.
Laura olhou para o fumo que saía da chaminé da casa dos vizinhos, do outro lado da estrada, e que não conseguira ver durante três dias.

- Os Larsens pelo menos estão bem - disse.
No dia seguinte, Manly foi à cidade para se abastecer de algumas coisas e saber notícias.
A casa estava luminosa e alegre quando regressou. Os últimos raios de sol brilhavam na janela do lado sul e Laura estava à espera para o ajudar a despir o casaco, depois de ele vir do estábulo onde deixara a parelha e tratara dos animais.
Mas Manly estava muito sério. Depois de jantarem, contou as novidades a Laura.
A sul da cidade, um homem fora apanhado no estábulo, como ele próprio, e ao voltar para casa no meio da tempestade perdera-se. Fora parar à pradaria e tinha sido encontrado morto por enregelamento quando o vento amainara.
Três crianças que regressavam da escola a casa tinham-se perdido, mas tinham encontrado uma meda de feno e haviam-se metido no meio dela, aninhadas umas contra as outras, e a neve cobrira-as. Quando a tempestade passara, a mais velha - um rapaz - abrira caminho através da neve e as pessoas que andavam a procurá-las tinham-nas encontrado. Estavam fracas de fome, mas não enregeladas.
Gado que andara à solta fugira à frente da tempestade numa extensão de mais de cento e cinquenta quilómetros. Cegos e confusos, os animais tinham-se despenhado da margem alta do rio Cottonwood: os últimos caíram em cima dos primeiros, quebraram o gelo do rio e foram parar à água e à neve solta,

onde sufocaram e morreram gelados. Estavam homens a tirá-los agora do rio, centenas deles, e a esfolá-los para lhes aproveitar o couro. Quem perdera gado podia ir ver as marcas e reclamar o que lhe pertencia.
A tempestade, tão no princípio da estação,! tinha sido inesperada e apanhara fora de casa muita gente, à qual gelara as mãos e os pés. Pouco depois houve outra, mas as pessoas já estavam prevenidas e por isso não causou estragos.
Estava muito frio para andar a cavalo e a neve cobria o solo. Por isso, Manly atrelava a parelha ao trenó, nas tardes de domingo, e iam aqui e ali: a casa dos pais de Laura, para ver a família, ou aos Boast, velhos amigos que viviam alguns quilómetros a leste. Mas os passeios eram sempre curtos; nada de trinta ou sessenta quilómetros, agora. Era muito perigoso, pois podia ' formar-se uma tempestade de repente e surpreendê-los a caminho de casa.
Barnum e Skip não trabalhavam. Estavam gordos e travessos e apreciavam os passeios de trenó tanto quanto Laura e Manly. Empinavam-se e dançavam de propósito, para que os seus guizos tocassem mais alegremente, enquanto as suas orelhas estremeciam, alerta, e os seus olhos brilhavam.
Trixy e Fly, os póneis de sela, e Kate e BUI, a parelha de trabalho, engordavam no estábulo e exercitavam-se no pátio protegido por medas de feno, nas traseiras.

As festas aproximavam-se e havia que tomar uma decisão a tal respeito. As famílias Boast e Ingalls passavam-nas juntas sempre que podiam. O almoço do Dia de Acção de Graças em casa dos Boasts e o almoço de Natal em casa dos Ingalls. Agora, com Laura e Manly, havia uma nova família e combinou-se acrescentar outra reunião às duas festas anteriores. Assim, o Ano Novo seria festejado em casa dos Wilders.
Quase não se podia pensar em presentes de Natal, dado o modo como as colheitas tinham decorrido, mas Manly fez trenós manuais para as irmãs mais novas de Laura e comprariam rebuçados de Natal para todos.
Para eles, resolveram comprar um presente juntos, qualquer coisa que pudessem ambos usar e apreciar. Depois de muito estudarem o catálogo, decidiram comprar um serviço de vidro. Precisavam dele para a mesa e no catálogo anunciavam um muito bonito: açucareiro, porta-colheres, prato de manteiga, seis molheiras e uma travessa grande e oval para pão. Nesta, havia espigas em relevo e uma frase: «Dai-nos hoje o pão nosso de cada dia.»
Quando a caixa chegou de Chicago, alguns dias antes do Natal, e a abriram, ficaram ambos encantados com o seu presente.
As festas terminaram depressa e em Fevereiro chegou o 19º aniversário de Laura. O 29º aniversário de Manly foi apenas uma semana depois e, por isso, eles fizeram só uma festa para ambos, no domingo que calhou no meio das duas datas.

Não foi grande festa: apenas um grande bolo de aniversário para os dois e um pouco mais de cuidado na confecção e no arranjo da refeição simples de pão, carne e vegetais.
Laura tornara-se uma boa cozinheira e especialista no tocante a fazer pão leve.
Com trabalho e divertimentos, com sol e tempestades, o Inverno passou. Houve muito poucas visitas, recebidas ou feitas, pois os vizinhos ficavam longe (excepto os Larsens, do outro lado da estrada) e os dias eram curtos. No entanto, Laura nunca se sentia só. Gostava da sua pequena casa e do trabalho doméstico. Tinha a companhia do Shep e do gato e uma visita aos cavalos e às vacas, no estábulo, era para ela tão bom como visitar pessoas.
Quando Trixy lhe lambia a mão ou descansava o focinho macio no seu ombro, ou quando, Skip, o travesso, lhe procurava na algibeira um' torrão de açúcar, ela considerava-os amigos muito satisfatórios.
Os gansos selvagens estavam a regressar das terras do Sul. Voavam de um lago para o outro,! onde descansavam na água e se alimentavam ao longo das margens.
O solo estava limpo de neve e embora as noites fossem frias, e o vento frequentemente lhes não ficasse atrás, o sol era quente e a Primavera chegara.
Manly estava a preparar os seus arados e as suas grades a fim de trabalhar a terra e estar preparado para semear trigo e aveia.

Precisava de começar cedo, pois tinha de semear cinquenta hectares de trigo e um campo de aveia de vinte e cinco hectares. Na cabana da quinta, Laura segurava nas sacas enquanto ele as enchia de trigo. Depois Manly transportava-as para o estábulo junto da casa, para a sementeira. A cabana era fria, as sacas grosseiras e ásperas ao contacto e o trigo poeirento.
Laura entontecia ao ver os grados grãos de trigo deslizarem pela boca aberta da saca. Se desviava os olhos deles, sentia-os atraídos irresistivelmente para os jornais colados nas paredes da cabana, cujas palavras lia e relia. Sentia-se desrazoavelmente irritada por alguns estarem colados de pernas para o ar, mas mesmo assim tinha de os ler. Não podia tirar os olhos deles. Palavras! Palavras! O mundo estava cheio de palavras e de grãos de trigo a deslizar!
De súbito, ouviu Manly dizer:
- Senta-te um bocado. Estás cansada.
Sentou-se, mas não estava cansada. Estava agoniada. Na manhã seguinte sentiu-se

muito pior e Manly teve de preparar o seu próprio pequeno-almoço.
Durante diversos dias, desmaiava sempre que se levantava da cama. O médico recomendou-lhe que permanecesse deitada e quieta. Disse-lhe que em breve se sentiria melhor e que dentro de poucos meses - nove, para ser exacto - ficaria boa. Laura ia ter um bebé.
Era então isso! Bem, não devia preguiçar. Tinha de se levantar

e de fazer o trabalho da casa para que Manly pudesse tratar das sementeiras. Dependia muito das searas daquele ano e não havia dinheiro para contratar pessoal.
Em breve Laura andava pela casa, a fazer o que tinha de ser feito e, sempre que possível, a deitar-se uns minutos para aliviar a cabeça tonta. A pequena casa tornou-se menos bonita, pois ela não lhe podia dispensar os cuidados que sempre dispensara. Enquanto fazia penosamente o seu trabalho, de vez em quando sorria tristemente e lembrava-se de um ditado da sua mãe: «Quem dança tem de pagar ao rabequista.» Bem, ela estava a pagar, mas faria o trabalho. Ajudaria ao menos nisso, apesar de tudo.
As árvores estavam a crescer muito bem. O tempo seco do Verão enfraquecera-as e agora precisavam de cuidados extra, pois dali a poucos anos os cinco hectares com o número exacto de árvores a crescer teriam de fundamentar a reserva de árvores e de lhes dar direito ao título de posse da terra.
Por isso, Manly lavrava à volta das pequenas árvores e depois misturava na terra esterco do pátio do estábulo.
Laura sentia a falta dos passeios de buggy pela pradaria coberta de tenra erva verde, na frescura do princípio da Primavera. Também sentia a falta das violetas silvestres, que perfumavam o ar com a sua fragrância; mas quando chegou a época das rosas bravas, em Junho, pôde de novo passear atrás de Skip e Barnum ao longo das estradas da pradaria,

onde as rosas formavam deslumbrantes massas de cores que iam do rosa-pálido ao vermelho mais carregado e o ar estava cheio do seu perfume. Num desses passeios, quebrou inesperadamente o silêncio e perguntou:
- Que nome daremos à criança?
- Não o podemos escolher agora - respondeu Manly -, pois não sabemos se será rapaz ou rapariga.
Após outro silêncio, Laura afirmou:
- Será uma rapariga e chamar-lhe-emos Rosa.
Choveu muitas vezes naquela Primavera. Choveu também no Verão, e as pequenas árvores ganharam coragem e agitaram as suas pequenas folhas verdes ao vento, enquanto se tornavam mais altas de dia para dia. A erva brava, de haste azul, crescia na alta pradaria, enquanto a erva do pântano se tornava viçosa, sobretudo onde a água se acumulava, nos lugares mais baixos.
E como o trigo e a aveia cresciam! Porque chovia!
Os dias passavam e o trigo ficava alto, forte, verde e bonito. A seguir o grão ficaria em leite e mais uns dias e a seara estaria garantida. Mesmo que o tempo ficasse seco, agora, haveria uma boa colheita, porque as hastes amadureceriam o trigo.
Finalmente, um dia, Manly chegou do campo, onde estivera a ver o trigo, e achou que estava bom para ser cortado.
O trigo, disse, era perfeito. Daria oitenta alqueires por hectare e seria número um em dureza.

O preço começaria por setenta e cinco cêntimos o alqueire, entregue no silo da

cidade.
- Eu não te disse que tudo se compensa? - perguntou. - Os ricos têm o seu gelo no Verão, mas os pobres têm o deles no Inverno. - Riu-se e Laura riu-se com ele; era maravilhoso.
De manhã, Manly teve de ir à cidade comprar uma nova atadeira para colher o trigo. Esperara até ter a certeza de que haveria uma boa colheita antes de a comprar, pois era cara: duzentos dólares. Mas pagaria metade depois de o trigo estar debulhado e a outra metade após a debulha do próximo ano. Só teria de pagar 8% de juro sobre o segundo pagamento e poderia hipotecar a máquina e as vacas como garantia da dívida. Manly partiu cedo, pois queria regressar a tempo de começar a cortar o trigo.
Laura sentiu-se orgulhosa quando Manly entrou no pátio com a nova máquina. Saiu e viu-o atrelar os quatro cavalos e dirigir-se para o campo de aveia. A aveia estava mais madura e ele cortá-la-ia primeiro.
Enquanto voltava para casa, Laura fez um pequeno cálculo mental: cinquenta hectares a oitenta alqueires por hectare, seriam quatro mil alqueires de trigo. Quatro mil alqueires de trigo a setenta e cinco cêntimos por alqueire, seriam... Oh, quanto seriam? Faria as contas com o lápis. Quatro mil alqueires a setenta e cinco cêntimos por alqueire seriam três mil dólares. Não podia ser! Podia sim, estava certo! Ficariam ricos!

Seria realmente caso para dizer que era verdade, os pobres tinham o seu gelo! Poderiam pagar a ceifeira e a máquina de cortar feno que Manly comprara havia um ano e não conseguira pagar por a colheita ter sido tão má. As promissórias de setenta e cinco e quarenta dólares e a hipoteca de Skip e Barnum vencer-se-iam depois da debulha. Laura não se importava muito com as promissórias, mas nem queria pensar nas hipotecas sobre os cavalos. Assustavam-na quase tanto como se fossem uma hipoteca sobre Manly. Bem, agora em breve seriam pagas, assim como a promissória do arado, com a hipoteca sobre as vacas. Parecia-lhe que havia também algumas contas de armazém, mas não tinha a certeza. De qualquer modo, não poderiam ser muito grandes. Talvez pudesse arranjar alguém para fazer o trabalho até o bebé nascer. Assim poderia descansar. E a verdade é que precisava de descansar, pois como só conseguia reter a comida no estômago alguns minutos, não tinha muito de que subsistir e estava muito magra. Seria agradável ter outra pessoa para fazer a comida. O cheiro dos cozinhados agoniava-a tanto, agora...
Nesse dia, Manly colheu os vinte e cinco hectares de aveia com a atadeira McCormick nova. À noite estava jubiloso. Tinha sido uma excelente colheita de aveia e no dia seguinte, muito cedo, começaria a colher o trigo.
Mas na manhã seguinte, depois de dar duas voltas ao trigal

a cortar, Manly desatrelou os cavalos e levou-os para o estábulo. O trigo ficaria melhor se permanecesse na terra mais uns dias. Quando começara a colhê-lo, verificara que afinal não estava tão maduro como lhe parecera e ele não queria correr o risco de ter grãos mirrados por tê-los colhido um pouco verdes. Mas as espigas eram ainda mais pesadas do que imaginara e ou se enganava muito ou a produção seria superior a oitenta alqueires por hectare. Laura sentiu-se impaciente. Tinha pressa de ver o trigo ceifado e enfeixado em segurança. Da janela via a máquina nova e reluzente parada na beira do campo e achava-a também impaciente.
Depois do meio-dia, apareceram os De Voes. Cora ficou para passar algum tempo, enquanto Walter, o marido, ia à cidade. Os De Voes eram mais ou menos da mesma idade de Manly e Laura e estavam casados quase ao mesmo tempo. Laura e Cora eram boas amigas e a tarde passou-se agradavelmente, só com o senão do muito calor.

À medida que o tempo passava, a tarde tornava-se mais quente e não havia vento, o que era invulgar. Uma pessoa ofegava com falta de ar, sentia-se asfixiar. Cerca das três horas, Manly veio do estábulo e disse que ia chover, com certeza. Sentia-se grato por não ter cortado o trigo, pois agora estaria desprotegido, à chuva, antes de ter podido enfeixá-lo. O sol escureceu, soprou uma lufada de vento, mas logo amainou e escureceu ainda mais. Depois o vento voltou um pouco e o sol clareou, mas a luz era esverdeada.

57

Até que chegou a tempestade. Choveu pouco, mas a seguir começou a cair saraiva. Ao princípio as pedras eram esparsas e espaçadas no cair, mas depois começaram a cair mais depressa e maiores, algumas do tamanho de ovos de galinha.

Manly e Cora olhavam pelas janelas. Não conseguiam ver a grande distância, por causa da chuva e da saraiva, mas viram Ole Larsen, do outro lado da estrada, chegar à porta e sair. Depois viram-no cair e alguém estender os braços, agarrá-lo pelos pés, puxá-lo para dentro e fechar a porta.

- Idiota - disse Manly -, apanhou com uma pedra de gelo na cabeça.

A tempestade durou apenas vinte minutos. Quando puderam distinguir o campo, a atadeira ainda lá estava, mas o trigo estava deitado.

- Acho que deu cabo do trigo - disse Manly, mas Laura não foi capaz de falar.

Depois Manly atravessou a estrada para ver o que acontecera ao Sr. Larsen. Quando voltou, passados minutos, disse que o Sr. Larsen tinha saído para apanhar uma pedra de gelo tão grande que quisera medi-la e, ao baixar-se para a apanhar, fora atingido por outra na cabeça. Estivera diversos minutos inconsciente, depois de ser puxado para dentro, mas agora já estava bom. Tirando, claro, a cabeça dorida.

- E agora vamos fazer sorvete - acrescentou Manly. - Prepara-o, Laura, enquanto eu apanho pedras de gelo para o gelar.

Laura voltou-se para Cora, que estava muda a olhar pela janela.

- Apetece-te festejar, Cora? - perguntou.

- Não! - respondeu a amiga. - Quero ir para casa e ver o que lá aconteceu. O sorvete asfixiar-me-ia!

A tempestade durara apenas vinte minutos, mas deixara atrás de si um mundo desolado, encharcado e fustigado pelas pedras de gelo. Os vidros das janelas sem portadas estavam partidos; e quando havia portadas, eram estas que estavam partidas ou empenadas. O chão estava tão densamente cheio de pedras de saraiva que parecia coberto por um lençol de gelo. A saraiva até formava montes, aqui e ali. Folhas e ramos tinham sido arrancados às pequenas árvores e o sol brilhava sobre os destroços com uma luz fraca e aguada. Os destroços, pensou Laura, de um ano de trabalho, de esperanças e planos de desafogo e prazer. Bem, não teria de cozinhar para os debulhadores. Laura andara a temer a debulha. Como a mãe dizia: «Não há grande perda sem qualquer pequeno ganho». O facto de, numa altura daquelas, pensar num ganho tão pequeno, preocupou-a.

Ela e Cora ficaram sentadas, brancas e silenciosas, até Walter chegar à porta, ajudar Cora a subir para o carroção e partir quase sem se despedir, tão grande era a ansiedade de chegarem a casa e verem como tinha sido a tempestade por lá.

58 - 59

Manly saiu e foi ver o campo de trigo, Voltou muito sério.

- Não há trigo nenhum para ceifar - anunciou. - Está todo debulhado e enterrado no chão. Três mil dólares de trigo semeado na estação do ano errada.

Laura murmurava: «... e o pobre tem o seu...»

- O quê?

- Estava só a dizer que o pobre teve o seu gelo no Verão, desta vez.

Às duas horas do dia seguinte ainda havia pedras de saraiva amontoadas nos lugares baixos.

Embora os planos estivessem destroçados, havia que salvar o que fosse possível e dar uma certa ordem às coisas. Vinha aí o Inverno e era necessário comprar

carvão, que custaria entre sessenta e cem dólares. Também era preciso comprar trigo para semear na próxima Primavera. As promissórias da maquinaria estavam a vencer-se.
Havia a atadeira, que fora usada só para cortar vinte cinco hectares de aveia; havia o arado, a ceifeira e a grade, a semeadora, que tinha semeado o trigo na Primavera, e o novo carroção. Havia também os quinhentos dólares ainda em dívida pela construção da casa...
- Quinhentos dólares de dívida da construção da casa! - exclamou Laura. - Oh, eu não sabia!
- Pois não. Não achei que houvesse necessidade de te preocupar com isso.

Mas era necessário fazer qualquer coisa a respeito de tudo aquilo e no dia seguinte ele iria à cidade, ver o que conseguia. Talvez pudesse obter dinheiro contra uma hipoteca da terra de que já possuía título. Graças a Deus essa já era dele. Não podia pedir uma hipoteca sobre a reserva das árvores, que pertenceria ao Tio Sam até Manly ter criado as árvores. E Laura teve a impressão de ouvir o seu pai a dizer: «O nosso Tio Sam é tão rico que nos pode dar uma quinta!» Às vezes, Laura tinha a impressão de que a sua cabeça estava um pouco tonta, mas aquela dívida extra de quinhentos dólares abalara-a. Quinhentos mais duzentos eram setecentos, mais o carroção e a ceifeira... Tinha de parar de fazer contas, pois de contrário daria em doida.
Manly verificou que podia reformar todas as suas promissórias das máquinas durante mais de um ano, se pagasse os juros. Poderia até pagar a primeira metade da atadeira depois da próxima colheita, ficando a segunda metade para o outro ano. Poderia vender todo o seu feno bravo a quatro dólares a tonelada, entregue na estação de caminhos-de-ferro, na cidade. Os compradores queriam-no para enviar para Chicago.
Mas não era possível contrair um empréstimo dando a terra que possuía em hipoteca, a não ser que lá vivessem. Precisava de dinheiro para pagar os juros vencidos, para as despesas da casa e para comprar sementes. Não havia nenhuma maneira de arranjar esse dinheiro, a não ser mudando-se para a outra quinta. Se lá estivessem a viver, poderia hipotecá-la por oitocentos dólares.

Um recém-chegado compraria Kate e BUI por' mais do que Manly pagara por eles. Manly não precisaria deles, pois arranjara um rendeiro para a reserva das árvores a meias: a ele competir-lhe-ia fornecer as sementes.
Skip e Barnum, com Trixy e Fly para o buggy, poderiam fazer o trabalho de uma das quintas.
Se outra pessoa trabalhasse na reserva das árvores, Manly poderia fazer mais sementeiras na quinta e ter mais lucros do que se fosse ele sozinho a trabalhar nas duas.
Era preciso acrescentar a cabana da quinta antes de se mudarem para lá, mas poderiam remediar-se com uma sala nova e uma cave por baixo e continuar a usar a cabana propriamente dita como arrecadação.
Assim foi decidido. Manly apressou-se a fazer medas da aveia que a saraiva debulhara e enterrara no chão. A palha seria boa para alimentar os animais e substituiria o feno, que poderia ser vendido.
Quando a aveia foi transportada para a quinta e emedada, Manly abriu o buraco no chão para a cave e sobre ele construiu o acrescento à cabana. Depois construiu o esqueleto de um estábulo, cortou feno do pântano e quando o feno secou amontoou-o à volta da estrutura, para fazer um estábulo.

Estava tudo pronto para a mudança. Manly e Laura mudaram-se para a quinta no

dia seguinte a o estábulo ficar pronto.
Era o dia 25 de Agosto. E o Inverno e o Verão tinham completado o primeiro ano.

CAPÍTULO II

O SEGUNDO ANO

Foi um bonito dia, aquele 25 de Agosto de 1886 em que Manly e Laura se mudaram para a quinta.
- Um belo dia, tão bonito como o do nosso casamento, exactamente há um ano. E é um novo começo, exactamente como foi então. E uma casa nova, ainda que um pouco mais pequena.
Agora tudo correrá bem, verás. No fim, tudo se compensa. O rico...»
Manly não disse o resto, mas Laura não pôde deixar de concluir mentalmente a frase do irlandês: «O rico tem o seu gelo no Verão e o pobre tem o dele no Inverno.» Bem, eles tinham tido o seu naquela saraivada... e no Verão.
Mas não devia pensar nisso agora. O que era preciso era arranjar as coisas na nova casa e torná-la alegre para Manly. Pobre Manly, estava a passar um mau bocado e a fazer tudo quanto podia. A casa não era muito má. A sala nova era estreita (3,60m por 4,80m) e não muito comprida, estava voltada para sul e tinha uma porta e uma janela num alpendre estreito, fechado do lado ocidental pela velha cabana da reserva.

Havia uma janela do lado oriental da sala. O espelho estava pendurado a seu lado, no canto sul, e a mesa de sala estava debaixo dele. A cabeceira da cama ficava perto da janela do outro lado e seguia ao longo da parede norte.
O fogão da cozinha estava no canto noroeste da sala e a seu lado havia um armário de cozinha. A mesa de cozinha e de comer ficava encostada à parede ocidental, perto da extremidade sul.
A carpete do antigo quarto estava estendida no lado oriental da sala e sobre ela estavam a cadeira de braços e a pequena cadeira de balanço de Laura, perto uma da outra, entre as janelas. O sol entrava de manhã pela janela do lado oriental e brilhava através da sala. Era tudo muito agradável e aconchegado.
A sala que tinha sido a cabana da reserva fazia jeito como arrecadação, e os animais estavam confortáveis no seu novo estábulo. Abrigado a norte e a oeste pelo monte baixo e voltado para sul, seria quente no Inverno.
O vento ondulava a erva alta do pântano, que se estendia da base do monte, junto do estábulo, para sul e para a estrema leste da quinta. A casa ficava no cume do monte baixo e teria sempre terra de pradaria à sua frente. A terra arável ficava a norte do monte, fora de vista da casa. Laura sentiu-se grata por isso. Gostava da ondulação da pradaria ininterrupta,

com a erva agitada pelo vento. Claro que toda a propriedade era agora terra de pradaria, com excepção de um pequeno campo. A lei exigia cinco hectares de terra cultivada antes de se adquirir o direito ao título de uma reserva. Mas erva a norte da casa era de terra alta, erva de haste azul e não a erva alta do pântano, que crescia tão luxuriantemente em sítios baixos. Era altura de fenar e todos os dias contavam para a quantidade de feno que poderia ser cortado antes do Inverno.
Por causa da saraiva, o feno seria a única colheita daquele ano. Por isso, assim que acabou de tomar o pequeno-almoço, no dia seguinte à mudança, Manly

atrelou Skip e Barnum à ceifeira e começou a cortar feno.
Laura deixou o seu trabalho da manhã por fazer e foi com ele para ver começar o trabalho. Depois, como o ar estava tão fresco e o feno acabado de cortar, tão limpo e perfumado, andou pelo campo a colher girassóis silvestres e piloseIas. Passados alguns momentos, regressou vagarosamente a casa e às tarefas por concluir.
Não queria estar metida em casa. Bem bastaria quando o bebé nascesse. Além disso, sentia-se muito melhor ao ar livre. Por esse motivo, começou a fazer o menos possível em casa e a ficar com Manly no campo de feno, sempre que podia.
Quando ele carregou o feno na grande grade a fim de o levar para o estábulo, Laura, que já estava no carroção, subiu para cima de cada forquilhada, à medida que ele as atirava, e foi subindo gradualmente com a carga até estar no cimo,

pronta para o regresso ao estábulo. À chegada, escorregou do feno para os braços de Manly, que a colocou em segurança no chão.
Manly fez as medas com uma prancha comprida, a cujo comprimento havia compridos dentes de madeira, colocados a intervalos. Atrelava-se um cavalo a cada extremidade e, andando um de cada lado de uma comprida enfiada de feno, puxavam a prancha lateralmente. Os dentes compridos introduziam-se debaixo do feno, que se empilhava à frente da tábua e era empurrado pelo chão fora.
Quando a carga era suficiente e estava onde a meda ficaria, Manly inclinava a prancha e o feno formava uma pilha. Diversas pilhas dessas iniciavam a meda. Depois, quando os cavalos chegavam, um ia de cada lado da meda, a prancha subia, Manly seguia-a e despejava o feno em cima da meda e descia pelo outro lado, após outra carga.
Barnum portava-se bem e caminhava sempre com o seu extremo da prancha pelo seu lado da meda. Mas Ship parava quando não tinha condutor e, por isso, Laura conduzia-o ao longo da meda e depois sentava-se no feno macio, do lado do sol, enquanto Manly trazia outra carga com a grade.
Quando a meda atingia altura suficiente, Manly passava-lhe a forquilha pelos lados e apanhava todo o feno que se encontrava espalhado à sua volta, para ficar certa e bem feita. Depois encimava-a com uma carga de feno do carroção.

Assim passou o bom tempo do Outono. Asl noites tornaram-se frescas e chegou a geada. Acabou-se o feno.
Manly hipotecara a quinta por oitocentos dólares, o que lhe permitiu comprar o carvão para o Inverno, que foi colocado na arrecadação.
Os sessenta dólares de impostos (a reserva das árvores não pagava impostos, pois eles ainda não tinham o título) foram pagos. Os juros das promissórias da maquinaria foram igualmente pagos. Havia dinheiro para semear na Primavera e, esperavam, para viverem até às próximas colheitas.
O feno ajudara. Manly vendera trinta toneladas a quatro dólares por tonelada, e esses cento e vinte dólares foram todo o rendimento das colheitas daquele ano.
Os gansos selvagens tardaram a chegar do Norte, e quando chegaram pareceram sem pressa de seguir para sul. Em vez disso, alimentaram-se nos pântanos e voaram de um lago para outro, cobrindo a água quase por completo. O céu estava cheio dos seus bandos formados em V e os seus gritos ecoavam no ar. Um dia, Manly foi correr a casa buscar a espingarda.
- Vai a passar um bando de gansos tão baixo, que creio posso apanhar um - disse a Laura.
Saiu rapidamente e, esquecendo-se de que a velha espingarda dava coice, levantou-a à frente da cara, apontou e disparou.

Laura seguiu-o mesmo a tempo de o ver voltar-se com a mão na cara.
- Oh, não acertaste num ganso?!
- Acertei, mas não o matei - respondeu ele, enquanto limpava o sangue do nariz.
O bando de gansos seguiu o seu caminho, incólume, para se reunir aos seus companheiros no lago.
Ia ser um inverno brando; os gansos sabiam que não precisavam de ter pressa de seguir para sul.
O pequeno campo em breve ficou lavrado e a azáfama do trabalho acabou.
Em Novembro começou a nevar, o solo ficou coberto de neve e proporcionou bons passeios de trenó. Manly e Laura, bem agasalhados e cobertos de mantas, davam muitas vezes passeios de trenó, nas tardes soalheiras. Como Laura se sentia muito melhor fora de casa, Manly fez um trenó de mão e uns arreios coleira-peitoral para o velho Shep.
Nos dias bonitos, Laura atrelava Shep ao trenó e deixava-o puxá-la pela encosta até à estrada. Depois subiam juntos a encosta, Shep a puxar o trenó e Laura a pé a seu lado, para continuar a descer até estar cansada de subir e da brincadeira. Shep, esse nunca se cansava, e às vezes, quando o trenó batia num monte de neve e Laura rolava pelo chão, até parecia rir-se.
E assim passou o mês de Novembro e chegou Dezembro.

O sol brilhava na manhã de 5 de Dezembro,
mas para norte o tempo parecia tempestuoso.
- É melhor divertires-te lá fora o mais que
puderes, hoje, pois amanhã é provável que esteja
mau tempo - aconselhou Manly.
Por isso, pouco depois do pequeno-almoço, Laura atrelou Shep ao trenó e deu o primeiro passeio do dia pela encosta abaixo. Mas ficou pouco tempo fora de casa.
- Não me apetece brincar - disse a Manly, quando ele veio do estábulo. - Prefiro enroscar-me junto do fogão.
E depois do almoço, feito o trabalho, voltou a sentar-se ociosa junto do fogão, na sua cadeira de balanço, o que preocupou Manly.
De tarde, Manly foi ao estábulo e voltou com os cavalos atrelados ao trenó.
- Vou buscar a tua mãe - disse. - Fica o mais sossegada que puderes até eu voltar.
Nevava muito quando Laura o viu, pela janela, descer a estrada, com a parelha a bom trote. Pensou até que, a trotar daquela maneira, ganhariam o prémio das corridas do 4 de Julho.
Depois disso, andou para trás e para diante ou sentou-se junto do fogão até Manly voltar com a mãe.
- Não devias estar levantada - disse a mãe, enquanto se aquecia junto do lume.
- Vou meter-te imediatamente na cama.
E Laura respondeu:
- Terei muito tempo para estar na cama. Ficarei a pé enquanto puder.

Mas em breve deixou de levantar objecções e só se apercebeu vagamente quando Manly partiu de novo, a fim de ir à cidade buscar uma amiga da mãe.
A Sr.a Powers era uma irlandesa cordial e divertida. Laura só deu pela sua presença quando a ouviu dizer:
- Claro que não haverá novidade, pois ela é muito novinha. Dezanove anos, não foi o que disse? A idade da minha Maria. Mas, agora, acho que seria melhor chamarmos o médico.
Quando Laura voltou a poder ver e ter consciência do que se passava à sua volta, a mãe e a Sr.a Powers estavam de pé, uma de cada lado da cama. E era

Manly que estava aos pés da cama? Não! Manly tinha ido buscar o médico. Então havia duas mães e duas Sr.as Powers? Pareciam estar a toda a roda dela.
Como era aquele velho hino que o pai costumava cantar?

... anjo desce,
Vem e fica junto a mim,
Oh, leva-me nas tuas níveas asas
Para...

Sentia-se transportada numa onda de dor. Uma lufada de ar frio reanimou-a e viu um homem alto despir o sobretudo coberto de neve, junto da porta, e aproximar-se dela, à luz do candeeiro.

Sentiu vagamente um pano tocar-lhe na cara e aspirou um odor forte. Depois mergulhou numa abençoada escuridão onde não havia dores.
Quando abriu os olhos, o candeeiro continuava a brilhar na sala e a mãe inclinava-se para ela, ao lado do médico. Na cama, a seu lado, estava uma trouxinha quente.
- Vê a tua filhinha, Laura! É um bonito bebé e pesa três quilos e seiscentas - disse a mãe.
- E tu própria és uma excelente rapariga - disse a Sr.a Powers, que estava sentada junto do fogão. - Uma excelente e corajosa rapariga, e o bebé será bom, por causa disso. Agora estás bem.
Manly levou o médico e a Sr.a Powers a casa, mas a mãe ficou e Laura adormeceu imediatamente, com a mão pousada ao de leve na pequenina Rosa.
Rosa era realmente um bom bebé, muito forte e saudável, e por isso a mãe de Laura só se demorou alguns dias. Depois veio Hattie Johnson, que observou:
- Desta vez para lavar o bebé em vez das janelas.
Mas em breve Hattie foi-se também embora e Manly, Laura e Rosa ficaram sozinhos na pequena casa no cimo do cabeço, com a pradaria deserta a toda a volta.
Não havia nenhuma casa suficientemente perto para se considerar vizinha, mas a quilómetro e meio de distância,

do outro lado do pântano, viam-se algumas construções, já perto da cidade.
Entretanto, tinham-se gasto cem dólares em médico e remédios, além de ajuda no Verão e no Inverno, mas no fim de contas uma Rosa em Dezembro era coisa muito mais rara do que uma rosa em Junho e tinha de ser paga de acordo com a raridade.
O Natal estava à porta e Rosa tinha sido um grande presente. Depois, na véspera do Natal, Manly levou uma carga de feno para a cidade e regressou com o mais bonito dos relógios. Media quase sessenta centímetros de altura, da sólida base de nogueira à folha trabalhada do seu cimo. A porta de vidro que cobria o mostrador tinha uma trepadeira dourada, na qual adejavam quatro pássaros dourados, e o pêndulo que oscilava de um lado para o outro, atrás deles, também era
dourado.
O relógio tinha uma voz agradável e alegre, quando fazia tiquetaque, e o seu tom era claro e límpido quando batia as horas. Laura gostou logo dele.
O velho despertador niquelado não era de confiança, quanto a horas certas, mas mesmo assim teria remediado. Por isso, Laura começou a dizer, duvidosa:
- Mas achas que devias...
Manly interrompeu-a e disse que trocara a carga de feno pelo relógio e que seria um presente de Natal para os três.

O feno que reservara para rações estava a render tanto, que havia mais do que suficiente para alimentar os animais durante o resto do Inverno. Aliás, não poderia ter vendido o feno por dinheiro, porque já o não estavam a embarcar.
O Natal foi feliz, apesar de o dia estar tempestuoso, e eles ficaram sossegadamente em casa.
Depois da tempestade do Natal o tempo tornou-se claro e soalheiro, mas frio - 15° e 20° abaixo de zero, nalguns dias.
Mas um dia pareceu excepcionalmente quente, e Laura, que estava em casa havia tanto tempo, desejou ir de trenó ver os pais. Poderiam levar o bebé sem perigo? Tinham a certeza de que poderiam. Aqueceram diversos cobertores ao lume e Manly conduziu o trenó para junto da porta e fez um pequeno ninho quente com eles, ao abrigo do painel da frente. Rosa, embrulhada nos seus próprios cobertores e na sua capinha encarnada, de capuz, foi deitada entre os cobertores do trenó, bem aconchegada e com um lenço de seda azul a cobrir-lhe ao de leve o rosto.
Lá partiram, com os cavalos velozes e os guizos a tocar alegremente.
Por diversas vezes, Laura meteu a mão entre os cobertores e tocou na cara de Rosa, para ter a certeza de que ela estava quente e de que havia ar debaixo do lenço.
Num instante chegaram a casa dos pais e entraram rapidamente,

para ouvirem uma reprimenda tanto do pai como da mãe de Laura.
- São doidos! - exclamou o pai. - Saírem com esse bebé com uma temperatura destas, de 10° abaixo de zero - era, de facto, o que o termómetro marcava.
- Ela podia ter-se asfixiado - acrescentou a mãe.
- Mas eu vigiei - respondeu Laura. - Não podia ter-lhe acontecido isso.
Rosa mexeu os dedos e palrou. Estava quente e feliz e dormira uma boa soneca.
Laura não pensara que podia ser perigoso sair com a filha e, por isso, no regresso a casa foi inquieta e só sossegou quando chegaram, sãos e salvos.
Parecia que criar um bebé tinha muito que se lhe dissesse.
Não houve mais passeios de trenó durante algum tempo, até que um dia em que estava realmente calor percorreram os seis quilómetros e meio que os separavam dos seus bons amigos Boasts.
O Sr. e a Sr.a Boast viviam sozinhos na sua quinta. Não tinham filhos e fizeram uma grande festa ao ver Rosa.
Quando a visita terminou, finalmente, e o Sr. Boast parou junto do buggy para os ver partir, começou a falar, depois hesitou e por fim disse, em voz estranha:
- Se me deixarem levar o bebé à Ellie para ela ficar com ele, podem tirar o melhor cavalo do meu estábulo e levá-lo para casa.

Manly e Laura ficaram mudos de assombro. O Sr. Boast prosseguiu:
- Vocês poderão ter outro e nós não. Nós nunca teremos nenhum.
Manly agarrou as rédeas e Laura exclamou, em voz rouca:
- Oh, não! Não! Vamo-nos embora, Manly!
Quando partiram, Laura apertou muito Rosa contra si. Mas teve pena do Sr. Boast, que continuava onde o tinham deixado, e da Sr.a Boast, à espera em casa, sabendo - tinha a certeza disso - o que o marido lhes ia propor.
O resto do Inverno passou depressa. Não houve mais tempestades e o tempo esteve quente para a época do ano. Chegou Abril e a sementeira começou em todas as

quintas.
No dia 12 de Abril, Manly foi ao estábulo a fim de atrelar os cavalos para o trabalho da tarde.
Quando entrou no estábulo, o sol brilhava, quente, e nem pela cabeça lhe passou que pudesse vir uma tempestade. Mas depois de escovar e arrear os cavalos, precisamente quando ia a sair com eles, soou um estampido, como se qualquer coisa se esborrachasse contra o lado todo do estábulo. Depois Manly ouviu o uivo do vento e, ao olhar para fora, só viu neve turbilhonante. Uma nevasca em Abril! Era tempo do trabalho da Primavera! Manly quase não podia acreditar nos seus olhos. Esfregou-os e olhou de novo. Depois desatrelou os cavalos e foi para casa. A casa ainda ficava a certa distância

e não se via nada além de neve turbilhonante, mas havia coisas espalhadas pelo caminho - o trenó, o carroção e o trenó de mão. Orientando-se pela maneira como se encontravam quando os alcançava, dirigia-se para o seguinte e assim conseguiu chegar em segurança ao alpendre e a casa. Laura tentava ansiosamente ver alguma coisa pela janela, mas só o viu quando a porta se abriu.
Foi a pior tempestade do Inverno e durou dois dias, sem amainamento do vento que não se cansou de uivar selvaticamente.
Mas em casa estava tudo quente e aconchegado. Os animais também estavam quentes e em segurança no estábulo, e guiando-se pela disposição dos trenós e do carroção Manly conseguia ir ao estábulo e voltar uma vez por dia para lhes dar água e encher as manjedouras.
Quando o terceiro dia nasceu com sol brilhante e o vento a soprar só em rajadas baixas, pareceu que estavam no Inverno. Muita gente tinha sido apanhada pela tempestade e perto tinham perdido a vida dois viajantes.
Enquanto o Sr. Bowers estava a trabalhar no campo, pouco mais de três quilómetros a sul da cidade, tinham chegado a pé dois viajantes, vindos de lá. Pararam e perguntaram-lhe o caminho para a casa do Sr. Mathews, de quem disseram ser amigos, do Ilinóis. Como o Sr. Mathews não os vira, foram os dois procurá-los.
Os dois desconhecidos foram encontrados numa meda de feno que se erguia isolada na pradaria deserta,

consideravelmente desviados do caminho que deveriam ter seguido. Tinham tirado feno da meda para fazerem uma fogueira. Depois tinham, evidentemente, abandonado a ideia de se manterem quentes com uma fogueira acesa debaixo de vento e neve e rastejado para o buraco da meda. Aí morreram gelados.
Se tivessem continuado a andar, poderiam ter sobrevivido à tempestade, pois durou apenas dois dias. Ou, se estivessem convenientemente vestidos, não teriam gelado dentro da meda de feno. Mas o seu vestuário era leve, para a Primavera no Ilinóis, e não para uma nevasca no Oeste.
A neve depressa desapareceu e a Primavera chegou, realmente, com o canto das cotovias dos prados e o perfume das violetas e da erva nova, a cobrir toda a pradaria de um bonito e suave verde.
Laura pôs Rosa num cesto da roupa, com a sua touquinha na cabeça, e colocou o cesto perto, enquanto ela e Manly tratavam da horta.
O velho Shep desaparecera. Nunca se habituara a Rosa e sentira sempre ciúmes dela. Por isso, um dia fora-se embora e nunca mais voltara, e eles nunca souberam o que lhe aconteceu. Mas um são-bernardo perdido, um enorme e manso cão preto, tinha aparecido lá em casa e sido adoptado no lugar de Shep.
O são-bernardo parecia convencido de que a sua missão especial

era olhar por Rosa, e onde quer que ela estivesse lá estava ele também, enroscado à sua volta ou sentado muito perto dela.!
O fogão de cozinhar foi mudado para a arrecadação, a fim de deixar a outra sala mais fresca para o tempo quente, e Laura trabalhava, feliz, na cozinha, com Rosa e o grande cão preto a brincarem ou a dormirem no chão.
Não podia haver passeios seguros a cavalo com um bebé, mas Laura não lhes sentiu muito a falta porque Manly fixou um caixote na frente da carroça, deixando apenas espaço suficiente para os pés de Laura, no lugar do condutor.
Quando o trabalho estava feito, depois do almoço, Laura atrelava Barnum à carroça e, com Rosa de touca cor-de-rosa sentada no caixote, ia aonde lhe apetecia. Às vezes apenas até à cidade, mas mais frequentemente visitar a mãe e as irmãs.
Ao princípio, a mãe tinha medo de que Rosa viajasse daquele modo, mas não tardou a habituar-se. Embora fosse um cavalo veloz, Barnum era manso como um gatinho e a carroça de duas rodas era leve e segura. Rosa não podia cair do caixote e Laura sabia conduzir. Com Barnum atrelado à carroça, nunca tinha um momento de inquietação.
E Manly não se importava de que ela saísse muitas vezes, desde que estivesse em casa a tempo de preparar o jantar.
Com o trabalho da casa e da horta, os cuidados de Rosa e os passeios, o Verão passou depressa e não tardou a ser de novo

altura de fenar. Rosa ficava sentada ao abrigo de um monte de feno e observava Laura a conduzir Skip com a prancha de emedar.
Laura e Manly gostavam ambos de ficar no soalhento campo de feno. Deixando Rosa a dormir vigiada pelo grande cão, às vezes Laura conduzia Skip e Barnum na máquina de ceifar, enquanto Manly reunia o feno com Fly e Trixy.
Naquele Outono não foi preciso cozinhar para debulhadores, porque os rendeiros da reserva das árvores se encarregaram disso.
O rendimento do trigo não foi tanto como deveria ser, pois a estação tinha sido muito seca. E o preço foi baixo: somente cinquenta cêntimos por alqueire.
No entanto, houve dinheiro suficiente para pagar todos os juros e algumas das promissórias mais pequenas - as da ceifeira, da grade puxada a cavalos e do arado desbravador, além do primeiro pagamento da máquina de ceifar e enfardar.
Ainda havia a promissória do carroção, os quinhentos dólares da casa e a hipoteca de oitocentos dólares sobre a quinta. Era necessário guardar sementes para a próxima sementeira, pagar os impostos e comprar carvão, e também precisavam de dinheiro para viver até depois da próxima colheita.
Haveria outra vez o feno e naquele ano havia dois novilhos para vender. Eram dois grandes e bonitos animais de dois anos e renderiam doze dólares cada um - vinte e quatro dólares, que ajudariam a pagar os géneros de mercearia.

Não se tinham saído muito mal, atendendo ao ano que fora.
O 25 de Agosto passara de novo e aquele Inverno e aquele Verão completariam o segundo ano.

CAPÍTULO III

O TERCEIRO ANO

Com a vinda do tempo frio, Laura propôs que mudassem o fogão de cozinhar de novo para a sala-quarto, e não compreendeu por que motivo Manly foi adiando, até que um dia trouxe da cidade um aquecedor a hulha.

Era um bonito fogão, com o ferro preto muito polido e os enfeites niquelados muito brilhantes.
Manly explicou que, no fim, a compra do fogão redundaria numa economia. Consumia tão pouco carvão que, apesar de o preço por tonelada da hulha ser de doze dólares em vez de seis que era o do carvão normal, a despesa seria menor. Além disso, haveria um calor regular e contínuo tanto de noite como de dia. Evitaria que apanhassem frio com as mudanças de temperatura, como acontecia com o outro fogão. O tampo niquelado era móvel e podia-se fazer no novo fogão toda a comida, excepto a que fosse no forno. Nos dias de fornada, acender-se-ia o outro, na cozinha de Verão.

Rosa já gatinhava pelo chão, e este deveria manter-se quente para ela.
Laura pensou que não estavam em condições de comprar o bonito fogão novo, mas Manly é que sabia. Ela não precisava de se preocupar. Além disso, ele sofria com o frio. Dir-se-ia que nunca havia roupa suficiente para o aquecer. Laura até estava a tricotar-lhe uma camisola interior de manga comprida, de fina e macia lã Shetland, para surpresa de Natal.
Foi difícil escondê-la dele e acabá-la, mas depois do Natal poderia fazer-lhe facilmente outra igual.
Manly vestiu a camisola nova quando foram a casa dos pais dela comer o almoço de Natal, de trenó.
Estava escuro quando se puseram a caminho de casa e começara a nevar. Felizmente, não se tratava de uma nevasca e sim, apenas, de uma tempestade de neve e, naturalmente, de vento. Rosa ia bem embrulhada e abrigada nos braços de Laura, com cobertores e mantas a envolver as duas, e Manly ia ao lado delas com o seu sobretudo de peles.
O avanço era difícil, às escuras e contra o vento, e decorrido algum tempo Manly parou os cavalos.
- Creio que saíram da estrada - disse. - Não gostam de enfrentar o vento.
Afastou as mantas, desceu do trenó e olhou atentamente para o chão, a tentar encontrar os rastos da estrada,

mas a neve cobrira-os por completo. Finalmente, porém, depois de afastar a neve com os pés, encontrou os sulcos das rodas, por baixo, apenas ligeiramente ao lado. Por isso, percorreu o resto do caminho a pé, guiando-se pelos poucos vestígios da estrada que conseguia encontrar de quando em quando, enquanto a toda a volta, na escuridão, a neve caía e a pradaria deserta se estendia.
Sentiram-se gratos quando chegaram a casa e ao calor do aquecedor a hulha. E Manly disse que a sua nova camisola interior mostrara quanto valia.
Embora o tempo estivesse frio, não havia grandes nevascas e o Inverno ia passando agradavelmente. Pedro, o primo de Laura, viera da parte sul do estado e estava a trabalhar para os Whiteheads, vizinhos que moravam diversos quilómetros a norte. Visitava-os com frequência aos domingos.
Para fazer uma surpresa a Manly no dia do seu aniversário, Laura convidou Pedro e os Whiteheads para almoçar e cozinhou e fez o pão na cozinha de Verão. Estava um dia agradável e quente para o Inverno e o almoço foi um grande êxito.
Mas apesar do dia quente, Laura constipou-se muito e teve um pouco de febre, de modo que teve de ficar na cama. A mãe veio ver como ela estava e levou Rosa consigo, por alguns dias. Em vez de melhorar, a constipação piorou e atacou a garganta de Laura. Quando a viu, o médico disse que não se tratava de nenhuma constipação, mas sim de difteria.

Bem, pelo menos Rosa estava fora de perigo e em segurança em casa da avó - a não ser que já tivesse levado a doença consigo. No entanto, houve diversos dias de ansiedade, durante os quais Manly cuidou de Laura, até que o médico anunciou que Rosa escapara ao contágio.
Depois, porém, foi a vez de Manly adoecer e na sua visita da manhã o médico mandou-o meter-se na cama, com ordens rigorosas para lá ficar. Disse que mandaria alguém da cidade para os ajudar. Pouco depois de o médico se ir embora, chegou Royal, o irmão de Manly, para tratar deles. Era solteiro, vivia só e achara que era a pessoa que se encontrava em melhores condições para os ajudar.
Ambos no mesmo quarto, com os cuidados mais rudimentares, Manly e Laura passaram os tormentosos dias febris. O ataque de Laura tinha sido perigoso, mas o de Manly foi leve.
Por fim, puderam ambos levantar-se, mas o médico fizera a sua recomendação final: nada de abusos, não se deviam fatigar demasiado. Royal, cansado e ele próprio meio adoentado, regressara a casa, e Laura e Manly, bem agasalhados, passaram um dia na cozinha de Verão, enquanto o quarto onde tinham estado doentes era fumigado.
Passados mais alguns dias, Rosa voltou para casa. Aprendera a andar durante a sua ausência e parecia ter crescido muito.

Mas era agradável vê-la dar os seus passinhos pela sala, e sobretudo era agradável estarem de novo bem.
Laura pensava que o mal já passara de vez, mas tal não sucedera nem sucederia durante ainda muitos dias.
Ignorando a recomendação do médico, Manly trabalhara demasiado e, numa manhã fria, quase caíra ao levantar-se da cama, por não poder mexer as pernas como devia ser. Sentia-as dormentes até aos quadris e só depois de muitas fricções conseguiu andar, com a ajuda de Laura.
No entanto, juntos, trataram dos animais. Depois do pequeno-almoço, Laura ajudou-o a atrelar os cavalos ao carroção e ele foi à cidade,
ao médico.
- Um leve ataque de paralisia - diagnosticou o médico -, devido a excesso de trabalho logo a seguir à difteria.
A partir desse dia, foi uma luta para que Manly pudesse servir-se das pernas. Uns dias estavam melhores, outros pioravam, mas pouco a pouco foram-se refazendo até ele poder tratar da sua vida, desde que tivesse cuidado.
Entretanto, chegara a Primavera. A doença, com as contas do médico, saíra cara. Não havia dinheiro para se manterem até outra colheita. O rendeiro da reserva das árvores ia-se embora e Manly, no seu estado, não podia cultivar ambos os pedaços de terra. A reserva das árvores ainda não fora validada e as jovens árvores precisavam de ser cuidadas, para se não perder o direito.

Era preciso fazer qualquer coisa. Nessa emergência apareceu um comprador para a quinta. Pagaria a hipoteca de oitocentos dólares e daria a Manly mais duzentos. E assim a quinta foi vendida e Manly e Laura mudaram-se de novo para a reserva das árvores, num dia do princípio da Primavera.
A pequena casa estava em mau estado, mas um pouco de tinta, um pouco de rede mosquiteira e uma boa limpeza tornaram-na de novo fresca e agradável. Laura teve a sensação de haver regressado a casa e tornou-se mais fácil a Manly caminhar em terreno plano para ir ao estábulo do que ter de subir e descer o cabeço, como na quinta.
Estava a vencer gradualmente os efeitos do ataque, mas ainda caía se batia com o dedo grande do pé em qualquer coisa. Não podia passar por cima de um bocado de tábua que lhe aparecesse no caminho: tinha de o contornar. Os seus dedos também estavam pouco ágeis, de modo que não podia atrelar nem desatrelar a

parelha, embora a pudesse conduzir, uma vez preparada para partir.
Por isso, Laura atrelava os cavalos e ajudava-o a instalar-se e depois esperava-o, pronta para o ajudar a desatrelar, quando ele voltava.
O rendeiro tomara a reserva das árvores com a lavra do Outono feita e, portanto, entregou-a a Manly já lavrada. Ele teve apenas de abrir os sulcos e semear os campos. Foi trabalho lento, mas conseguiu acabá-lo a tempo.
A chuva chegou quando era precisa e o trigo e a aveia cresceram bem. Se continuasse a chover com frequência... e se não caísse saraiva...
Havia três bezerrinhos no estábulo e dois jovens potros a correr por toda a parte, além do potro que tinham comprado com o dinheiro da escola de Laura, o qual tinha agora três anos e crescera bem. Quanto à pequena ninhada de galinhas, estava a pôr muito bem. No fim de contas, as coisas não estavam a correr muito mal.
Rosa dava os seus passos hesitantes pela casa, brincava com o gatinho ou agarrava-se às saias da mãe, enquanto ela tratava dos trabalhos caseiros.
Com a lida da casa, Rosa e a ajuda que dava a Manly sempre que ele precisava, o Verão foi atarefado para Laura. Mas ela não se importava, pois Manly estava a recuperar o uso das mãos e dos pés.
Lentamente, a paralisia passava. Manly gastava muito tempo a trabalhar entre as pequenas árvores. No Verão anterior o tempo estivera muito seco, o que as impedira de crescerem bem, e naquela Primavera não estavam a arrebitar como deveriam.
Algumas tinham morrido. Manly substituiu-as e plantou as novas cuidadosamente. Podou todas, cavou-lhes à volta das raízes e depois lavrou todo o terreno de permeio.
Entretanto, o trigo e a aveia cresciam, viçosos e verdes.

- Este ano sair-nos-emos bem - dizia Manly. - Uma boa colheita endireitar-nos-á e nunca houve melhores perspectivas.
Os cavalos agora não trabalhavam demasiado. Skip e Barnum faziam o que era necessário e Trixy e Fly engordavam nas suas cordas. Manly dizia que os póneis deviam ser montados, mas Laura não podia deixar Rosa sozinha nem podia levá-la consigo durante o dia com segurança e prazer.
Reinava a calma e não havia nada que fazer depois do jantar, quando Rosa era metida na cama. A pequenita estava tão cansada de brincar que dormia profundamente durante horas. Por isso, Laura e Manly adquiriram o hábito de selar os póneis e andarem neles na estrada defronte da casa, uns oitocentos metros para sul e volta, depois à roda do caminho em semicírculo, uma pausa para ver se Rosa ainda dormia, outros oitocentos metros para norte e volta para outra olhadela a Rosa, até póneis e cavaleiros sentirem necessidade de parar.
Trixy e Fly gostavam das corridas ao luar, do susto que lhes causava a sombra de um molho de feno na estrada ou do salto inesperado de uma lebre.
Um domingo, o primo Pedro disse a Manly e Laura que o Sr. Whitehead queria vender o seu rebanho, cem Shropshires puro-sangue.
No Outono haveria uma eleição presidencial e parecia que os democratas ganhariam. Se ganhassem, o Sr. Whitehead, que era um bom republicano, tinha a certeza de que o País caminharia para a ruína. A fixação de preços acabaria e a lã e as ovelhas não valeriam nada. Pedro tinha a certeza de que poderiam ser compradas por uma tuta-e-meia. Ele próprio as compraria se tivesse onde as pôr.
- Quanto? Quanto pagaria você? - perguntou Manly.
Pedro respondeu ter a certeza de que poderia comprá-las por dois dólares cada uma, dado que o Sr. Whitehead estava muito preocupado com as eleições.
- E a venda da sua lã, na próxima Primavera,
quase as pagaria - acrescentou.
Eram cem ovelhas e Pedro tinha a receber cem dólares de salários. Seria metade do dinheiro necessário para as comprar a dois dólares por cabeça. Laura começou a pensar alto. Tinham terra suficiente, usando o lote da escola que ficava logo a sul da reserva: um bom lote com bom pasto e feno grátis para quem chegasse primeiro e o utilizasse. Pela primeira vez, Laura sentiu-se grata pela lei do

Dacota que dava dois lotes de terra para escolas em cada municipalidade. E especialmente grata por um deles confinar com a sua reserva de árvores.
- Teríamos pasto e feno suficientes e poderíamos construir um bom abrigo - disse Manly.
- Mas os outros cem dólares? - perguntou-lhe Laura, duvidosa.
Manly recordou-lhe o potro que tinham comprado com o seu dinheiro da escola e disse estar convencido de que poderiam vendê-lo por cem dólares.

Ela poderia comprar metade das ovelhas, se quisesse arriscar.
E assim foi decidido. Se Pedro conseguisse comprar as ovelhas por duzentos dólares, Laura pagaria metade. Pedro encarregar-se-ia de cuidar do rebanho, que levaria para o lote da escola, no Verão. Juntos, Pedro e Manly, contribuiriam com o feno e Manly forneceria ainda parelhas e maquinaria. Nas traseiras do estábulo de feno construiriam um aprisco para o rebanho, com saída para o pátio vedado por arame. Em troca, Pedro viveria com eles e ajudaria a tratar dos animais.
Poucos dias depois de vendido o potro, Pedro chegou com o rebanho ao pátio construído para ele. Eram cem boas ovelhas e seis velhas, que tinham sido acrescentadas de graça.
Depois disso, Pedro levava todas as manhãs o rebanho para o lote da escola para pastar, tendo o cuidado de afastar os animais da erva destinada a feno.
Chovia com frequência. Até parecia que os ventos não sopravam com tanta força como de costume e o trigo e a aveia cresciam esplendidamente. A colheita aproximava-se depressa. Só mais um bocadinho e nada de mal aconteceria às searas.
Temerosos da saraiva, Manly e Laura observavam as nuvens. Se ao menos não saraivasse!
Como os dias passavam sem qualquer tempestade de saraiva, Laura começou a pensar: «No fim, tudo se compensa:

os ricos têm o seu gelo no Verão, mas os pobres têm o deles no Inverno.» Quando se surpreendia com tais pensamentos, soltava uma gargalhada nervosa. Não devia viver sob tal tensão. Mas se conseguissem colher e'vender aquela seara, significaria tanto! Ficarem libertos de dívidas e poderem usar em seu proveito o dinheiro dos juros, tornaria tudo muito mais fácil no Inverno que depressa chegaria.
Por fim, o trigo estava em leite e, mais uma vez, Manly calculou que produziria oitenta alqueires por hectare. Até que, uma manhã, o vento soprou forte de sul, um vento quente. Antes do meio-dia, o vento tornou-se ainda mais forte e mais quente. E soprou durante três dias.
Quando amainou, finalmente, e a manhã do quarto dia dealbou serena, o trigo estava seco e amarelo. Os grãos tinham cozido no leite, estavam todos secos e mirrados. Não valia a pena colhê-lo como trigo, mas Manly atrelou Skip e Barnum à ceifeira e colheu-o, e à aveia, para emedar como feno e, sem debulhar, dar aos animais, como substituto de aveia e grão.
Assim que isso ficou feito, começou a época do feno, pois tinham de cortá-lo no lote da escola antes de qualquer outro. Seria deles se fossem os primeiros a reclamá-lo e a cortá-lo. Laura e Rosa foram de novo para o campo de feno. Laura conduzia a ceifeira, enquanto Manly juntava o feno cortado na tarde anterior. Contrataram um rapaz vizinho para tomar conta do rebanho, enquanto Pedro ajudava Manly a empilhar o feno.

Fizeram grandes montões de feno a toda a volta do aprisco e em três lados do

pátio do rebanho, deixando aberto apenas o lado sul.
E o 25 de Agosto chegou e passou e com ele terminou o terceiro ano de experiência como agricultores.

CAPÍTULO IV

UM ANO DE GRAÇA

A lavra do Outono começou assim que o feno foi colhido, mas o trabalho era demasiado para Skip e Barnum, mesmo com a ajuda dos póneis. Trixy e Fly eram pequenos e não tinham força para puxar. Só eram bons para montar. Às vezes, Fly protestava vigorosamente, com coices furiosos, quando lhe prendiam os tirantes. Uma vez, quando Laura estava a ajudar Manly a atrelar os cavalos ao arado e a vigiar Rosa ao mesmo tempo, deixou de ver a filha. Largou imediatamente o arnês, olhou em redor do pátio e perguntou:
- Manly, onde está a Rosa?
Uma pequena mão afastou a cauda de Fly, do lado oposto dos quatro cavalos a par, apareceu uma carinha entre Fly e a cauda, e Rosa respondeu:
- Estou aqui.
As mãos de Manly já não estavam tão rígidas e inábeis; talvez em breve ele pudesse prender as correias e afivelar as fivelas sozinho.

À noite a parelha estava cansada. Laura sofria ao ver desatrelar os cavalos. A cabeça alegre de Skip pendia e as patas dançarinas de Barnum estavam pacientemente imóveis.
Manly dizia que teria de arranjar outra parelha, pois queria desbravar os restantes trinta hectares de terra inculta e ter os oitenta hectares prontos para semear na Primavera.
- Mas os três anos terminaram - protestou Laura. - Chamas um êxito ao que conseguimos?
- Bem, não sei - respondeu Manly. - Não foi assim tão mau. Claro que as colheitas foram na sua maioria um desastre, mas agora temos quatro vacas e alguns bezerros, temos os quatro cavalos e os potros, temos a maquinaria e há o rebanho... Se conseguíssemos nem que fosse só uma boa colheita... Só uma boa colheita e ficaríamos bem. Tentemos mais um ano. O próximo ano poderá ser um bom ano para as colheitas e nós agora estamos bem preparados para a agricultura, ao passo que não temos dinheiro nenhum para começar outra coisa.
Postas as coisas assim, pareceram razoáveis a Laura. Parecia realmente que não podiam fazer mais nada. Mas quanto a estarem bem preparados... Os quinhentos dólares da casa, que ainda deviam, preocupavam Laura. Não tinham pago nada por conta. A atadeira também ainda não estava paga e era difícil arranjar

dinheiro para pagar os juros. Mesmo assim, porém, talvez Manly tivesse razão. Talvez a sua sorte mudasse, e um bom ano resolveria todos os problemas.
Manly comprou dois bois Durham que tinham sido treinados para trabalhar. Eram dois enormes animais. Rei era vermelho e pesava novecentos quilos; Duque era malhado, encarnado e branco, e pesava mais de mil e cem quilos. Eram mansos como vacas e em breve Laura ajudava a atrelá-los - mas deixava Rosa em casa, enquanto o fazia. Foram baratos - apenas vinte e cinco dólares cada um - e eram muito fortes. Skip e Barnum ocuparam o lugar dos póneis e passaram a fazer os trabalhos leves, enquanto os bois, jungidos ao lado deles, faziam a maior parte

do esforço.
A lavra fez-se facilmente e o desbravamento do restante terreno inculto pôde também ser feito antes de o solo gelar. Aquele Outono foi quente e agradável. Excepcionalmente, no Inverno não houve grandes nevascas, embora tivesse estado muito frio e caísse alguma neve.
A casa estava aconchegada e confortável, com portas e janelas de protecção contra as tempestades e o calor do aquecedor a hulha, colocado entre a porta da frente e a janela oriental da sala principal. Manly calafetara muito bem o telheiro, ou cozinha de Verão, colocando sarrafos em todas as fendas entre as tábuas, e o fogão de cozinhar ficara lá durante o Inverno. A mesa fora posta entre as portas da copa e do quarto, e o divã de Pedro estava encostado à parede ocidental, onde estivera a mesa. Floriam gerânios em latas nos parapeitos das janelas, a medrar bem com o sol do Inverno e o calor do aquecedor a hulha.
Os dias passavam, atarefados e agradáveis. O tempo de Laura estava totalmente ocupado com o trabalho da casa e com Rosa, que era uma garota viva e sempre entretida com os seus livros de bonecos, os seus blocos de letras e o gato. Manly e Pedro passavam muito do seu tempo no estábulo, a cuidar dos animais. O estábulo era comprido, ia desde as primeiras baias onde estavam os cavalos e os potros, passava pelos bois, Rei e Duque, pelas vacas, pelo gado jovem e pelo canto aconchegado das galinhas e terminava no aprisco das ovelhas, que andavam todas à solta.
Não era trabalho de somenos limpá-lo e encher todas as manjedoras de feno. Havia também que dar o grão aos cavalos e que escová-los regularmente. E todos os animais precisavam de água uma vez por dia.
Nos dias agradáveis, Manly e Pedro carregavam feno das medas dos campos e alimentavam com ele os animais. Deixavam algum no carroção, no pátio das ovelhas, para elas se servirem.
Este trabalho ficava geralmente acabado antes da hora de tratar dos animais, mas uma tarde eles atrasaram-se. Como os montes de neve acumulada eram fundos, carregavam o feno com Rei e Duque. Os bois passavam pela neve alta mais facilmente do que os cavalos, mas eram mais lentos e, por isso,

escureceu quando Manly e Pedro ainda se encontravam a quilómetro e meio de casa.
Começara a nevar. Não era uma nevasca, mas a neve caía densamente, batida por um vento fraco e que soprava a direito. Não havia perigo, mas era desconfortável e irritante conduzir bois no meio da neve e de uma escuridão de breu.
Nisto, ouviram uivar um lobo, e depois outro, e por fim diversos ao mesmo tempo. Os lobos não tinham causado estragos recentemente e já não restavam muitos na região, mas mesmo assim ainda eram vistos uma vez por outra e de quando em quando matavam um bezerro novo ou tentavam meter-se no meio de um rebanho.
- Parece para as bandas da casa, é como se fossem nessa direcção - disse Manly.
- Achas que entrarão no pátio das ovelhas?
- Com a Laura lá, não - respondeu Pedro.
Mas Manly não estava tão certo disso e tentaram ir mais depressa.
Em casa, Laura começava a sentir-se inquieta. O jantar estava quase pronto, mas ela sabia que Manly e Pedro tratariam das tarefas da noite antes de comerem. Já deviam ter chegado e ela perguntava a si mesma o que teria acontecido.
Rosa jantara e dormia profundamente, mas Nero, o grande cão preto, estava inquieto. De vez em quando levantava a cabeça e rosnava.
Depois Laura ouviu: o uivo de um lobo! Seguiu-se outro, depois diversos e em seguida voltou o silêncio.

Laura teve a impressão de que o coração lhe parava. Iriam os lobos para o pátio do rebanho? Aguardou, atenta, mas só conseguiu ouvir o bater da neve nas janelas. Ou seria uma ovelha a balir?
Deveria ir ao pátio do rebanho e verificar se os animais estavam bem? Hesitou e olhou para Rosa, mas a filha continuava a dormir. Não haveria novidade se a deixasse sozinha. Então Laura vestiu o casaco e pôs o capuz, acendeu a lanterna e saiu com o cão para a escuridão e a tempestade.
Rapidamente, dirigiu-se à porta do estábulo, abriu-a e pegou na forquilha de cinco dentes. Voltou a fechar a porta e seguiu ao longo do estábulo, apontando a luz da lanterna o mais longe que podia e em todas as direcções.
Nero trotava à sua frente, a farejar. Contornaram o pátio do rebanho, mas a única coisa que viram foi as ovelhas a andarem desassossegadamente à roda. Não se viam nem se ouviam lobos. No entanto, quando Laura parou junto da cancela a escutar pela última vez, antes de voltar para casa, soou de novo o uivo solitário de um lobo. Mas muito mais para norte do que antes. Os lobos tinham seguido para oeste e não havia novidade, embora Nero continuasse a rosnar.
Laura só teve consciência de que estivera assustada quando se encontrou de novo em segurança, em casa. Então notou que os joelhos lhe tremiam e sentou-se muito depressa.

Rosa continuava a dormir e Manly e Pedro não tardaram a chegar.
- Que terias feito se tivesses encontrado os lobos? - perguntou-lhe Manly.
- Tê-los-ia enxotado, claro. Foi para isso que levei a forquilha - respondeu Laura.
Em Dezembro, Laura voltou a sentir as náuseas já familiares. A casa parecia-lhe quente e fechada e sentia-se muito mal. Mas os outros precisavam de comer e de calor. O trabalho tinha de continuar e era ela que devia fazê-lo.
Um dia em que se sentia particularmente neura e infeliz, o vizinho do lado oeste, um homem solteiro que vivia sozinho, parou, a caminho de casa, e aproximou-se com uma saca parcialmente cheia. Quando Laura abriu a porta, o Sr. Sheldon entrou e, pegando na saca pelo fundo, despejou o conteúdo no chão. Era uma colecção barata de romances Waverly.
- Pensei que talvez a entretivessem - explicou. - Não tenha pressa, leve o seu tempo a lê-los!
E, enquanto Laura soltava exclamações de contentamento, o Sr. Sheldon abriu a porta, saiu, apressou-se a fechá-la e desapareceu. Então as quatro paredes da casa fechada e sobreaquecida alargaram-se e Laura andou com valorosos cavaleiros e belas damas pelas margens dos lagos e dos ribeiros da Escócia, ou em castelos e torres, em nobres salões

ou quartos de senhoras, tudo através das páginas fascinantes dos romances de Sir Walter Scott.
Na sua pressa de terminar os cozinhados e voltar a ler, até se esquecia de se agoniar quando via ou cheirava comida. Depois de ler todos os livros e de regressar à realidade, sentiu-se muito melhor.
Era muito longa a distância entre as cenas das encantadoras e antigas histórias de Walter Scott e a pequena casa na desolada e invernosa pradaria, mas Laura conservou alguma da sua magia e da sua música e o resto do Inverno passou-se confortavelmente.
A Primavera chegou cedo e quente. Pelo 1 de Abril uma boa quantidade das sementeiras já estava feita e havia homens atarefados em todos os campos. A manhã do dia 2 nasceu soalheira, quente e serena. Pedro levou o rebanho para pastar no lote da escola, como de costume, enquanto Manly ia para o campo. Ainda lhe era difícil atrelar a parelha e Laura ajudou-o. Depois foi tratar do seu trabalho da manhã.

Não tardou a soprar um vento do noroeste, primeiro brando, mas aumentando gradualmente, até que às nove horas a poeira voava no campo tão densamente que Manly não via para acompanhar as marcas do semeador. Por isso, regressou do campo e Laura ajudou-o a desatrelar e a meter a parelha no estábulo.

103

De novo em casa, a ouvir o vento cada vez mais forte, começaram a admirar-se de Pedro não trazer o rebanho para o aprisco.
- Ele não podia tê-lo levado para longe, em tão pouco tempo - observou Manly.
A poeira levantada dos campos voava em nuvens tão densas que só podiam ver até uma curta distância, das janelas. Passados alguns minutos, Manly resolveu ir procurar Pedro e o rebanho e ajudá-los, se fosse necessário.
Encontrou Pedro com o rebanho a uns qua trocentos metros do estábulo. Pedro vinha a pé, a conduzir o seu pónei e a transportar três cordeiros nos braços. Ele e o cão conduziam o rebanho na direcção do pátio. As ovelhas tinham dificuldade em avançar contra o vento, mas não lhes restava outro remédio, se queriam chegar ao abrigo. Não tinham sido tosquiadas e os seus velos estavam compridos e pesados. As pobres ovelhas recebiam demasiado vento, com o corpo e as patas tão pequenos e suportando uma tal carga de lã fofa. Se uma delas se virava de lado, por muito pouco que fosse, o vento apanhava-a por baixo, levantava-a e rolava-a, em certos casos cinco ou seis vezes antes de ela poder parar. Era-lhe impossível erguer-se contra a força do vento e Pedro tinha de a levantar e virar na direcção certa, para que ela pudesse continuar a andar. Estava cansado e o cão e o pónei não podiam fazer nada para ajudar. Manly chegara, portanto, oportunamente.

104 - 105

Precisaram ambos de mais de uma hora para levarem as ovelhas todas ao longo dos quatrocentos metros e metê-las no pátio.
Depois disso, sentaram-se todos em casa e deixaram o vento soprar. Tinham os ouvidos cheios do seu barulho e ardiam-lhes os olhos e a garganta da poeira, que assentava na sala, apesar de as portas e as janelas estarem bem fechadas.
Pouco antes do meio-dia, bateram à porta e quando Manly abriu viu um homem no limiar, que lhe disse:
- Parei para o avisar de que as suas rodas estão a girar - e apontou com a mão na direcção do estábulo.
Depois correu para o carroção, subiu e seguiu o seu caminho pela estrada abaixo. Tinha o rosto preto de poeira e desapareceu antes que tivessem tempo de o reconhecer como o homem que lhes comprara a quinta.
Laura riu-se nervosamente.
- As suas rodas estão a girar! - exclamou. - Que queria ele dizer?
Ela e Manly foram à cozinha, olharam pela janela na direcção do estábulo e ficaram a saber. Tinham deixado entre a casa e o estábulo o carroção do feno, com a sua grande grade. Pois o vento levantara-o, voltara-o e deixara-o cair de rodas para cima. Livres no ar, as quatro rodas giravam ao vento.
Ao almoço contentaram-se com qualquer coisa fria, pois ninguém tinha apetite e não era seguro acender o lume.

106

Cerca da uma hora, Laura teimou que lhe cheirava a queimado e que devia haver um fogo de pradaria perto, mas as nuvens de poeira não deixavam ver fumo nenhum.
O vento aumenta sempre com o fogo, e na pradaria é frequente soprar com força suficiente para transportar labaredas do fogo para a erva da frente, de modo que o incêndio viaja mais rapidamente do que a erva arde. Uma vez, Manly e Pedro tinham corrido na direcção de um incêndio para tentarem salvar uma grande

meda de feno que se encontrava entre o fogo e eles. Conduziram os cavalos à desfilada até à meda e saltaram para o chão quando uma chama trazida pelo vento acendia a extremidade oposta da meda. Cada um deles levava uma saca molhada para combater o fogo. Subiram para a meda e deslizaram pela extremidade, arrastando o fogo e apagando-o no chão, depois de ele ter consumido uma pequena parte da ponta da meda. Deixaram-no recuar de cada lado como um fogo de encontro, enquanto o principal passava, veloz, deixando a meda com Manly, Pedro e os cavalos incólumes. Os cavalos tinham encostado a cabeça à meda para poderem respirar.
O vento atingiu o apogeu cerca das duas horas, altura em que começou a abrandar lentamente, tão lentamente que quase não se dava por isso. Mas deixou de soprar quando o Sol se pôs. Rosa dormia, com o rostinho cansado sujo de poeira e transpiração. Laura sentia-se prostrada de exaustão e Manly e Pedro

caminharam como velhos quando foram ao estábulo ver se os animais estavam bem para a noite.
Mais tarde souberam que houvera um fogo da pradaria durante a ventania, que soprara a mais de cem quilómetros à hora, um fogo terrível que quase não hesitava diante das valas que encontrava pelo caminho, pois o vento arrancava-lhe chamas e levava-as muito para a frente da erva a arder. Em certos pontos, o fogo saltara, deixando extensões de pradaria por arder: a chama saltava para a frente e o vento apagava o fogo mais lento da erva, como quem sopra uma vela.
Casas e estábulos com boas valas à sua volta tinham ardido. Gado fora apanhado pelo fogo e morrera queimado. Num lugar, uma carroça nova estava parada num campo lavrado, a cem metros da erva. Estava carregada de trigo para semente, exactamente como o dono a deixara ao abandonar o campo por causa do vento.
Quando o homem voltou, não restava nada da carroça nem da carga, a não ser os ferros da primeira. Tudo o mais ardera.
Não era possível deter um fogo assim nem combatê-lo, com semelhante vento.
O fogo atravessou a região, deixando uma extensão de pradaria enegrecida atrás de si, até chegar ao rio, e depois o vento amainou com o pôr do Sol. Aí se extinguira o fogo, entre oitenta e cento e sessenta quilómetros do ponto onde começara.

Não houve outro remédio senão semear de novo os campos, pois a semente tinha sido toda levada pelo vento ou enterrada nos montes de solo formados ao longo das orlas da terra lavrada.
Por isso, Manly comprou mais trigo e aveia para semente no silo da cidade e, finalmente, a sementeira foi concluída.
Depois tosquiaram as ovelhas e a venda da lã animou-os a todos, pois a lã valia cinquenta cêntimos por quilograma e cada ovelha tinha uma média de cinco quilogramas de lã. Portanto, cada ovelha pagara-se a si própria, além de ter rendido mais cinquenta cêntimos, só com a sua lã. Em fins de Maio, os cordeiros tinham nascido todos e havia tantos gémeos que o rebanho mais do que duplicou.
A altura de nascerem os cordeiros era muito trabalhosa, pois era necessário vigiar as ovelhas e cuidar das crias. Entre as cem ovelhas, só cinco não puderam ou não quiseram cuidar das suas crias. Estas foram levadas para casa, aquecidas, alimentadas a biberão e criadas
assim.
Rosa passava agora o tempo a brincar no pátio, e Laura tentava vigiá-la enquanto a pequena touca cor-de-rosa saltitava azougadamente daqui para ali.
Uma vez, Laura chegara mesmo a tempo de ver Rosa levantar-se na tina de água que estava debaixo da torneira da bomba. Com água a escorrer pela cara e dos dedos abertos, aos lados do corpo, Rosa dissera, sem choramingar sequer:
- Quero ir para a cama.

Uma tarde, depois de Rosa ter sido lavada, penteada e vestida de lavado, Laura ouviu-a dar uma grande gargalhada. Foi à porta e viu-a vir a correr do estábulo. «Oh, o Barnum fez assim!» E, sem hesitar, deixou-se cair no caminho poeirento e, a agitar os braços e as pernas, rebolou-se pelo chão. Era tão cómica que Laura não pôde deixar de rir também, apesar do estado lamentável em que ficou o vestido lavado e da poeira que lhe sujou a cara, as mãos e o cabelo.

Noutra ocasião, Laura deu por falta dela no pátio e, com medo no coração, correu para a porta do estábulo. Barnum estava deitado na sua baia e Rosa sentada a seu lado, a bater-lhe com os calcanhares na barriga. Cuidadosamente, para não modificar a posição do seu corpo, o cavalo levantou a cabeça e olhou para Laura, e ela teve a certeza de que Barnum lhe piscou o olho.

Depois disso, Laura tentou vigiar Rosa mais de perto, mas não tinha coragem para a manter em casa com a Primavera tão fresca e alegre no exterior. O trabalho tinha de ser feito entre os momentos em que vigiava Rosa pela porta ou pela janela.

Uma vez, chegou mesmo a tempo de ver Rosa escapar a um acidente por um triz. Era evidente que se afastara mais do que era costume e vinha a contornar a esquina do estábulo. Nisto, Kelpie, a potra mais nova de Trixy, surgiu a correr da mesma esquina, perseguida por outra potra.

110

Kelpie viu Rosa demasiado tarde para se desviar ou parar e, por isso, deu um impulso extra aos músculos e passou por cima da cabeça de Rosa, enquanto Susan, a perseguidora, para provar, como sempre tentava, que era capaz de fazer o que Kelpie fazia, a imitou e passou também por cima da cabeça de Rosa.

Laura correu, agarrou Rosa e levou-a para casa. Rosa não se assustara, mas o mesmo já não acontecera com Laura, que se sentia muito agoniada. Como podia ela desembaraçar-se do trabalho quotidiano e de tudo o mais que aparecia? Era tanto e só ela para o fazer! Detestava a quinta, os animais e as malcheirosas ovelhas, detestava cozinhar e lavar os pratos sujos. Oh, detestava tudo e em especial as dívidas que teriam de ser pagas quer ela pudesse trabalhar, quer não!

Mas Rosa não se magoara e queria um biberão para dar a um dos cordeiros abandonados pelas mães. Laura teria procedido do mesmo modo... e diabos a levassem se se deixaria ir abaixo ou se iria chorar por isso. Que dissera alguém naquela história que lera outro dia? «A roda gira, gira, e a mosca do lado de cima será a mosca do lado de baixo passado um certo tempo.» Bem, não lhe interessava o que acontecia à mosca do lado de cima, mas desejava que a do'lado de baixo pudesse arrastar-se e subir um bocadinho. Estava cansada de esperar que a roda girasse. E os agricultores eram os do lado de baixo, dissesse Manly o que dissesse. Se o tempo não estava bom, não tinham nada, mas, tivessem ou não alguma coisa, tinham de arranjar maneira de pagar juros e impostos e um lucro aos negociantes da cidade sobre tudo quanto compravam; e precisavam de viver.

111

Havia aquela promissória no banco, que Manly tivera de assinar a fim de obter o dinheiro para comprar o grão para semear de novo, depois daquela ventania que levara as sementes todas que já estavam na terra. Ele estava a pagar 3 % por mês sobre essa promissória. Era para aí que teria de ir o dinheiro da lã. Ninguém podia pagar semelhantes juros. Mas também precisavam de viver o Verão todo, antes das novas colheitas. A cabeça andava-lhe à roda, quando tentava deslindar todo aquele imbróglio.

Haveria dinheiro que chegasse para pagar? A sua parte do dinheiro da lã era de

apenas cento e vinte cinco dólares. E de quanto era a promissória? Dois alqueires por hectare de trigo de semente e um dólar por alqueire: cem dólares, trinta hectares de aveia e quatro alqueires de semente por hectare: cento e vinte alqueires. A quarenta e dois cêntimos por alqueire, seriam cinquenta dólares e quarenta cêntimos. Acrescentados aos cem dólares do trigo, a nota devia ser de cento e cinquenta dólares e quarenta cêntimos.
Parecia haver uma grande diferença de preço, consoante vendiam ou compravam trigo. Certamente que, como Manly dizia, havia despesas de frete e despesas de silo. Mas nem mesmo assim parecia justo.
De qualquer modo, pagariam a promissória no banco o mais depressa possível. Se fosse necessário, poderiam comprar um

livro de cupões no armazém de mercearia e assinar uma nota por eles apenas com 2% de juro mensal. Era interessante os negociantes terem arranjado esses livros com cupões de vinte cinco cêntimos a cinco dólares e em livros de vinte cinco ou cinquenta dólares. Fazia jeito e os juros eram mais baixos. Eles ainda não tinham comprado nenhum e ela esperara que não precisariam de comprar. Não sabia porquê, mas essa ideia feria-lhe mais o orgulho do que uma promissória no banco. Mas o orgulho não os devia impedir de poupar 1 %. Não devia pensar mais naquilo. Manly faria como entendesse melhor. Aquelas coisas eram com ele e ele não estava preocupado.
Quando a Primavera cedeu o lugar ao Verão, as chuvas pararam e o trigo começou a sofrer com falta de humidade. Todas as manhãs Manly olhava ansiosamente à procura de sinais de chuva, mas não os encontrava e ia para o seu trabalho. Depois vieram os ventos quentes. Todos os dias o vento soprava forte, do sul. Laura sentia-o na cara como o ar quente do forno, quando abria a porta do fogão nos dias de fornada. Os ventos quentes sopraram durante uma semana, e quando terminaram o trigo e a aveia jovens estavam secos, castanhos e mortos.
As árvores dos cinco hectares também estavam quase todas mortas. Manly achou que não havia esperança na replantação, para ter as árvores a crescer exigidas pela lei das reservas.
Chegara a altura de provar o seu direito e ele não o podia fazer. Só havia uma maneira de salvar a terra: reclamar o direito de prioridade. Se fizesse isso teria de provar o seu direito dentro de seis meses e de pagar aos Estados Unidos dois dólares e meio por hectare. A residência continuada não constituiria problema, pois eles já lá estavam. Os duzentos dólares em dinheiro ao fim dos seis meses seriam difíceis de arranjar, mas não havia outra solução. Se Manly não reivindicasse a terra, outro qualquer o faria, pois se ele não provasse o seu direito, a terra reverteria para o Governo e seria posta de novo ao dispor de quem a reservasse.
Por isso, Manly tratou da preempção - era assim que se chamava - da terra. Havia uma vantagem: Manly não teria de trabalhar mais nas árvores. Aqui e ali, sobreviveu uma, que ele estrumou com esterco e palha do estábulo. A estrumação ajudaria a manter a terra húmida por baixo e, assim, ajudaria as árvores a viver. O choupo-do-canadá que ficava defronte da janela da copa, como estava a norte da casa, estivera protegido da força máxima dos ventos quentes e do sol e estava a crescer, apesar da seca. Laura gostava de todos os seus ramos verdes, que se agitavam do outro lado do vidro enquanto ela preparava a comida na prateleira larga, diante da janela, ou lavava a louça.
Não se seguiu nenhuma chuva às tempestades de vento, mas formaram-se com frequência nuvens de ciclone, que se afastaram. Era a época dos ciclones.

Numa tarde abafada, Manly estava na cidade e Pedro saíra com o rebanho. Laura acabou o seu trabalho e foi para o pátio com Rosa. A garota brincava com os seus pratinhos de brincar debaixo do choupo-do-canadá e, ociosa, Laura observava as nuvens, mais pela força do hábito do que por verdadeiro medo, pois já se acostumara ao perigo de tempestades.

De manhã o vento soprara fortemente de sul, mas amainara e naquele momento Laura reparou que estavam nuvens a amontoar-se a norte. Havia uma parede sólida de negrume à frente da qual as nuvens rolavam. O vento aumentou, a soprar com força de sul, e Laura viu a temível nuvem em forma de funil descer a sua ponta na direcção do solo, da parede de negrume. A luz tornou-se esverdeada. Laura pegou em Rosa e correu com ela para casa. Rapidamente, fechou todas as portas e janelas, antes de correr para a copa a fim de olhar de novo, pela janela, para a tempestade.
A ponta do funil tocara no solo e ela viu a poeira subir. Passou por um campo recém-desbravado e as placas de terra e raízes subiram no ar e desapareceram. Depois atingiu uma velha meda de feno. Viu-se uma mancha e a meda desapareceu.
A nuvem em forma de funil avançava para a casa. Laura levantou o alçapão da copa, pegou na filha, entrou na cave e fechou o alçapão. Apertando muito Rosa a si, encolheu-se num canto,

às escuras, e ouviu o vento assobiar por cima delas, esperando a todo o momento que a casa fosse arrancada e levada.
Mas não aconteceu nada e após o que lhe pareceram horas, mas foram apenas alguns minutos, ouviu a voz de Manly chamar.
Laura levantou a porta do alçapão e subiu a escada com Rosa. Encontrou Manly parado junto da parelha, no pátio, a ver a tempestade seguir para leste, menos de quatrocentos metros a norte do lugar onde se encontravam. Continuou a levar à sua frente construções e medas de feno, mas na terra ressequida poucas gotas de chuva caíram. Na cidade, Manly vira a nuvem de tempestade e apressara-se a regressar a casa, para que Laura e Rosa não estivessem sozinhas.
Não houve mais ciclones, mas o tempo continuou quente e seco e o dia 5 de Agosto foi um dia particularmente quente.
À tarde, Manly mandou Pedro buscar a mãe de Laura e às quatro horas mandou-o à cidade, desta vez de pónei, a fim de trazer o médico. Mas o filho de Laura e Manly nasceu antes de o médico chegar.
Laura sentiu-se orgulhosa do bebé, mas, estranhamente, era Rosa que queria mais do que a tudo. Rosa tinha sido afastada da mãe para a deixar ter sossego, e a rapariga chamada para a ajudar olhava indiferentemente por ela. Quando Laura insistiu, a rapariga levou-lhe Rosa, uma garotinha tímida, ela própria com uma cara redonda de bebé, para ver o seu irmãozinho.

Depois disso, Laura descansou e em breve começou a interessar-se pelos sons do exterior e a saber, por eles, o que se estava a passar.
Um dia, Pedro foi à porta do quarto para lhe dar os bons-dias. Espetara uma pena comprida na banda do chapéu e a pena abanava por cima do seu rosto bonacheirão. O seu ar era tão cómico que Laura não pôde deixar de rir.
Depois ouviu-o falar com o pónei e chamar o cão e compreendeu que ele ia sair com o rebanho. Pedro cantava:

Oh, mas como ela é bonita!
Meu Deus, tem o mais doce dos nomes!
Qui-í! Amá-la é meu dever,
Minha linda, pequenina e rosada
Jenny Jerusha Jane.

E Pedro e o rebanho partiram até à noite.
Depois ouviu Rosa brincar com os cordeirinhos criados em casa. Já estavam tão grandes que três deles iam com o rebanho, mas os dois mais pequenos ainda ficavam pelas imediações da porta das traseiras e do pátio para que lhes dessem

de comer e brincassem com eles. Era frequente atirarem Rosa ao chão, mas isso fazia parte da brincadeira. Em seguida ouviu a rapariga recusar-se a dar a Rosa uma fatia de pão com manteiga, falando-lhe de modo agressivo, coisa que Laura não podia suportar. Por isso, falou da cama e resolveu o problema a favor de Rosa.

Laura pensou que precisava de se apressar e de recuperar as forças. Não queria que Rosa fosse maltratada por nenhuma empregada. Além disso, havia o salário de cinco dólares por semana. Tinha de acabar o mais depressa possível, pois em breve vencer-se-ia uma promissória.

Laura estava de novo a fazer o seu trabalho, três semanas depois, quando o bebé teve convulsões e morreu tão depressa que o médico já chegou tarde para lhe acudir.

Para Laura, os dias que se seguiram foram misericordiosamente vagos. Os seus sentimentos estavam entorpecidos e só desejava descansar - descansar e não pensar.

Mas o trabalho tinha de continuar. Começara o corte do feno e era preciso dar de comer a Manly, Pedro e ao rapaz que tomava conta do rebanho. Rosa precisava de cuidados e havia todas as outras inúmeras tarefas.

O feno seria menos do que o necessário, pois a seca fora tão grande que até a erva brava da pradaria crescera mal. Havia mais ovelhas, mais gado e mais cavalos para alimentar, o que significava que seria preciso mais feno, e não menos. Uma semana depois, Manly e Pedro estavam a reunir feno numas terras a uns três quilómetros de distância. Laura acendeu o lume para tratar do jantar no fogão da cozinha. O combustível do Verão era comprido, velho e duro feno do pântano e, antes de sair, Manly pusera um braçado dele na cozinha, junto do fogão.

Depois de acender o lume e de pôr a chaleira
a aquecer, Laura voltou para a outra parte da casa e fechou a porta da cozinha. Quando voltou a abri-la, alguns minutos depois, todo o interior da cozinha estava incendiado: o tecto, o feno, o chão debaixo dele e a parede atrás.

Como de costume, soprava um vento forte e quando os vizinhos chegaram para ajudar toda a casa estava em chamas.

Manly e Pedro tinham visto o fogo e vindo a toda a velocidade, com a parelha e a carga de feno.

Laura deitara um balde de água no feno incendiado e depois, sabendo que não tinha força para fazer funcionar a bomba, a fim de tirar mais água, fora ao quarto buscar a pequena caixa dos documentos, pegara em Rosa pela mão, correra pela porta fora e deixara-se cair no chão no caminho em semicírculo, defronte da casa. Com o rosto oculto nos joelhos, gritou e soluçou, dizendo repetidamente: «Oh, o que me vai o Manly dizer?!» Foi assim que Manly a encontrou, e a Rosa, precisamente quando o telhado da casa abatia.

Os vizinhos tinham feito o que podiam, mas o fogo era tão furioso que não tinham podido entrar dentro de casa.

O Sr. Sheldon entrara pela janela da copa e atirara por ela, na direcção do tronco do pequeno choupo-do-canadá, a louça que lá se encontrava. Assim se salvaram as facas, os garfos e as colheres de prata do casamento, embrulhados como estavam.

Nada mais se salvou do incêndio além da caixa dos documentos, algumas roupas de trabalho, três molheiras do serviço do primeiro Natal e o prato de pão oval, à volta de cuja margem se liam as palavras: «Dai-nos hoje o pão nosso de cada dia.»

E o jovem choupo-do-canadá manteve-se erguido junto do buraco da cave, mas queimado, enegrecido e morto.

Depois do fogo, Laura e Rosa ficaram alguns dias em casa dos pais dela. O alto

da cabeça de Laura tinha sido chamuscado pelo fogo e havia qualquer coisa que não estava bem com os seus olhos. O médico disse que o calor lhe lesara os nervos e, por isso, ela descansou um pouco na sua antiga casa. Mas no fim da semana Manly veio buscá-la.
O Sr. Sheldon precisava de uma governanta e deu a Laura e a Manly a possibilidade de usarem a sua casa e os seus móveis a troco de alimentação para ele e para o irmão. Laura passou a ter tanto que fazer que não lhe sobrava tempo para se preocupar: tinha de cuidar da sua família de três homens, Pedro e Rosa, durante o resto do trabalho do feno e enquanto Manly e Pedro construíam uma cabana comprida, de três salas seguidas, perto das ruínas da sua casa. Era feita só de uma espessura de tábuas e de papel alcatroado no exterior, mas bem calafetada e, por ser nova, muito aconchegada e quente.
As noites de Setembro estavam a arrefecer quando a nova casa ficou pronta e se mudaram para lá.

O 25 de Agosto passara sem darem por ele e o ano de graça terminara.
Ser agricultor tinha sido um êxito?
- Bem, depende tudo da maneira como encararmos as coisas - respondeu Manly, quando Laura lhe fez a pergunta.
Tinham tido muito azar, mas qualquer pessoa estava sujeita a ter azar, mesmo sem ser agricultor. Tinha havido tantas estações secas que no ano seguinte haveria com certeza uma boa colheita.
Tinham uma quantidade de animais. Os dois potros mais velhos estariam em condições de ser vendidos na Primavera. Algum recém-chegado à região, querê-los-ia, com certeza. E havia também os potros mais novos. Havia duas vitelas prontas para venda, que renderiam provavelmente doze ou treze dólares cada uma. E havia o rebanho, o dobro do ano passado para conservar - alguns cordeiros e as seis ovelhas velhas para vender.
Como tinham construído a casa nova tão barata, tinham dinheiro para ajudar a pagar o direito à terra.
Talvez as ovelhas fossem a solução.
- Correrá tudo bem, pois com o tempo tudo se compensa. Verás - disse Manly, ao dirigir-se para o estábulo.

Ao vê-lo afastar-se, Laura pensou: «Sim, tudo se compensa com o tempo. Os ricos têm o seu gelo no Verão, mas os pobres têm o deles no Inverno. E o nosso não tarda aí.»
O Inverno aproximava-se e, à vista das ruínas da sua confortável casinha, eles iam recomeçar do nada. O que possuíam não dava para mais do que equilibrar as suas dívidas, se tanto. Se conseguissem arranjar os duzentos dólares para provar o seu direito, a terra seria deles, e Manly pensava que conseguiria.
Seria uma grande luta para vencer naquele negócio da agricultura, mas, estranhamente, ela sentia o seu espírito fortalecer-se para a luta.
O incurável optimismo do lavrador que lança as suas sementes à terra todas as Primaveras, apostando-as, e ao seu tempo, contra os elementos, parecia amalgamar-se inextricavelmente com o credo dos seus antepassados pioneiros, segundo o qual «é melhor mais adiante» - só que, em vez de «mais adiante» no espaço, era mais adiante no tempo, para lá do horizonte dos anos que viriam em vez do longínquo horizonte do Oeste.
Ela continuava a ser a jovem pioneira e compreendia o amor de Manly à terra, através do apelo que essa mesma terra exercia sobre ela.
- Enfim - suspirou, resumindo a sua ideia da situação numa frase que a sua mãe costumava usar -, seremos sempre agricultores, pois o que nasce com os ossos só desaparece com a carne.

E Laura sorriu, pois Manly vinha do estábulo e cantava:

Falais das minas da Austrália,
Têm riqueza em ouro vermelho, sem dúvida;
Mas, oh, também há ouro na quinta, rapazes!
Basta que saibais tirá-lo!

125

O prato de pão oval que Laura e Manly compraram no seu primeiro Natal juntos. O prato sobreviveu ao incêndio e foi encontrado entre as coisas de Rosa Wilder Lane, depois da sua morte. Encontra-se agora no Lar-Associação de Laura Ingalls Wilder, em Mansfield, Missuri, para todos os visitantes verem.